

Anna de Oliveira 13-3-13.e

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Março de 1926

N.º 15

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

Prof. Dr. José Veiga
Alduino Estrada

SUMMARIO:

A "REVISTA ESCOLAR."

LIÇÕES PRÁTICAS: 1 — Linguagem. 2 — Arithmetica. 3 — Instrução moral e cívica. 4 — Botanica. 5 — Geographia. 6 — Hygiene. 7 — Geometria. 8 — Physiologia da respiração. 9 — Historia do Brasil.

PEDOLOGIA: 1 — A imaginação e suas variedades na criança. 2 — Evolução psychica da criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — O navio. 2 — O imã. 3 — A bussola. 4 — A farinha de trigo. 5 — O assucar. 6 — A manteiga. 7 — O chapéo. 8 — O couro. 9 — O guarda-chuva.

QUESTÕES GERAES: 1 — Palestras sobre ensino. 2 — Importancia do brinquedo na educação. 3 — Pelas arvores. 4 — Phase preparatoria da leitura analytica. 5 — O estudo da Geographia.

LITTERATURA INFANTIL: 1 — Honras de general. 2 — Os cygnos. 3 — Felicidade. 4 — Os dois regatos. 5 — Na roça. 6 — O jardim da vovó. 7 — Roberto Fulton. 8 — Sadio eu sou... 9 — A festa das aves.

METHODOLOGIA: 1 — Processo educativo.

EDUCAÇÃO PHYSICA — Jogos escolares: 1 — Perdi meu gato. 2 — Numeros. 3 — Veneno. 4 — Chinela. 5 — Jogo das colheres. 6 — Cobra no capim. 7 — As cegas. 8 — Pescador. 9 — Corrida circular. 10 — Cabra-céga, em roda.

ESCOTISMO: 1 — Da Bandeira Nacional e do Hymno.

O "FOLK-LORE" NAS ESCOLAS: 1 — O campo "tá queimano." 2 — "Nhô" Terencio e o moribundo. 3 — Tatú-Bóla. 4 — O caipira.

VULTOS E FACTOS: 1 — Dr. Luiz Pereira Barreto.

NOTÍCIAS.

INSTRUÇÃO PUBLICA: 1 — Um protesto judicial.

SECRETARIA DO INTERIOR: 1 — Actos diversos.

INDICE.

S. PAULO - Brasil
1926

REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Março de 1926

N.º 15

A REVISTA ESCOLAR

S. Paulo—março—1926.

Sendo o objectivo da presente secção tratar, dum modo geral e succinto, de assumptos directamente relacionados com a didactica infantil, é obvio não poderem estes sêr encarados sob os differentes aspectos que a controversia de doutrinas e opiniões costuma apresentar. Dahi a necessidade de synthetizal-os nos limites dum eclectismo pratico, apenas desenvolvendo-os de conformidade com as experiencias e processos que melhores resultados tenham produzido.

Baseado neste criterio, vamos falar duma materia, aliás simples, mas que nem por isso deixa de entrar no curso primario como relevante factor na cultura da Linguagem. Além do mais, sua propria simplicidade é digna de consideração, porquanto póde dar origem a um empirismo inconsciente no ensino, que, então, por sua vez, se tornará negativo. Referimo-nos ao DITADO nas classes primarias. Este exercicio, quando effectuado sem o necessario methodo, é sobre inutil, assaz prejudicial, ao passo que, obedecendo aos preceitos a elle inherentes, se torna um excellente auxiliar na aprendizagem do idioma.

Tratemos, pois, de assignalar as seguintes nórmas cujos resultados praticos de ha muito as vêm consagrando como as mais proficuas no ensinamento da disciplina em questão.



ESCOLHA DO TRECHO. — *Desnecessario é dizer que, seja qual fôr o assumpto, elle deve primeiramente apresentar uma linguagem pura, escoreita de vicios ou de erros grammaticaes; em segundo logar, o trecho escolhido precisa estar á altura da mentalidade da classe a que fôr destinado; finalmente, sempre que possivel fôr, ha de abranger, em poucos paragraphos, um trabalho completo e, além disto, capaz de despertar interesse e gosto á criança.*

LEITURA DO TRECHO. — *Esta parte preliminar deve sêr realizada pelo professor, em voz clara e com vagar, de modo a serem observados não só os signaes diacriticos como os de pontuação.*

ANALYSE DO TRECHO. — *Feita a leitura acima, resta ainda ao mestre repetil-a, interrompendo-a nos pontos para os quaes elle julgar necessario solicitar a attenção da classe ora sobre a graphia de certos vocabulos, ora sobre a pontuação de sentenças etc., etc.*

DITADO DO TRECHO. — *Dados esses passos iniciaes, começa o DITADO propriamente dito, em que o professor á frente de seus alumnos, sempre com voz clara e alta, irá a pouco e pouco, reproduzindo o trecho, tendo de novo o cuidado de sobre elle ir chamando a attenção dos estudantes, como o fez anteriormente. Porque o DITADO não pretende do alumno um trabalho perfeito, isento de erros; deve dirigil-o para esse fim, por meio duma orientação prévia e segura.*

CORRECÇÃO DO TRECHO. — *Eis um ponto importante a considerar nas aulas de DITADO nos cursos primarios. Um dos processos mais em vóga é a troca de trabalhos entre os alumnos, para que uns corrijam os erros de outros. Quer-nos parecer esse exercicio uma pura perda de tempo, porquanto o que para um alumno estiver errado, pôde*

estar certo, e "vice-versa." Cumpre attender que a criança precisa, em primeiro logar, preoccupar-se com os seus proprios erros, com aquelles que lhe são mais habituaes, têl-os sempre em vista, para conseguir corrigir-se; dest'arte os resultados dahi provenientes serão na realidade bons, efficazes.

Deixando de analysar outros processos empregados na correcção do DITADO, assignalaremos aqui um, que pelos seus resultados comprovadamente satisfactorios, attinge o fim desejado, com a vantagem ainda de sêr expedito. Consiste elle em o professor reproduzir o trecho, no quadro-negro, para que o alumno por sua vez o confronte com o seu trabalho no caderno e corrija-o, elle mesmo, aos poucos, com o maximo cuidado.

Bem sabemos que o presente trabalho nenhuma nova contribuição vem trazer aos veteranos na arte de ensinar; entretanto, como algo de valor elle representa aos que a iniciam, não vacillamos em registral-o nestas columnas.

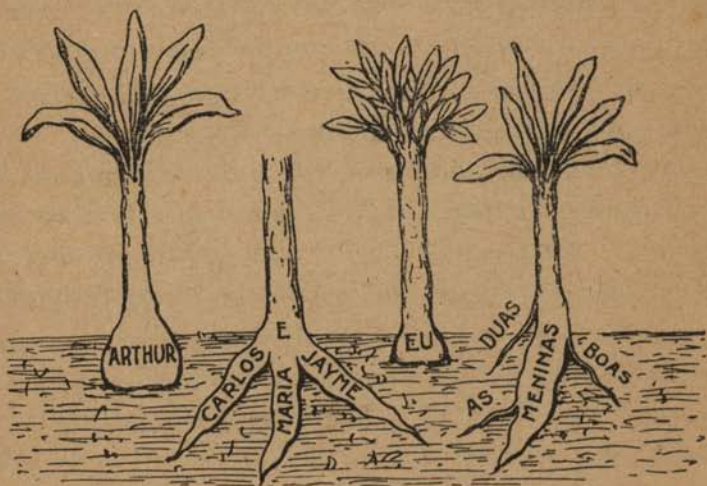


LIÇÕES PRÁTICAS

LINGUAGEM

SENTENÇAS; SUJEITO E PREDICADO

*Feliz é a classe cujo professor consegue firmar
o útil duma maneira agradável.*



Alumno. — (Olhando o desenho no quadro-negro, em cuja figura nada deve estar escrito.) Vamos ter aula de Botanica?

Professor. — Não. Vamos ter aula de Linguagem.

A. — Mas, o senhor desenhcou plantas!

P. — E' verdade, e você já vae saber porque. Vejamos uma coisa: as plantas são todas dum só tamanho?

A. — Capaz! Algumas são muito grandes, outras bem pequenas.

P. — Pois assim são as sentenças. Ha sentenças longas e outras curtas. (Pede exemplos.)

A. — Mas, que têm as sentenças que vêem com as plantas?

P. — Ouçam. Seria muito monotonoso se os vegetaes fossem todos dum só tamanho. Também seria monotonoso ouvir alguém usar só sentenças curtas, ou então sómente sentenças longas. Em tudo a variedade é agradável.

A. — Ah... agora já estou compreendendo!...

P. — Todas as plantas têm a mesma utilidade, foram creadas para o mesmo fim?

A. — Algumas fornecem tuberculos utilizados na alimentação.

A. — Outras, fibras para tecidos.

A. — Outras, madeiras para construcção.

P. — Muito bem... As sentenças também têm usos varios. Algumas fazem perguntas... Dê-me, Alvaro, uma sentença que pergunte.

A. — *Que horas são?*

P. — Escreva-a no quadro-negro.

A. — Prompto, professor.

P. — Essas sentenças que perguntam e que sempre terminam com ponto de interrogação, chamam-se sentenças *interrogativas*. (Varios exemplos.)

Outras sentenças enunciam, contam, relatam os factos... Conte-me alguma coisa, numa só sentença.

A. — *Eu gosto de estudar.*

P. — Escreva-a no quadro-negro.

A. — Prompto, professor.

P. — Essas sentenças acabam sempre com ponto final, e chamam-se sentenças *declarativas*. (Varios exemplos.)

Outras sentenças ha que denotam enthusiasmo, admiração. Diga-me alguma coisa, com enthusiasmo, Julio.

A. — *Viva o Brasil!*

P. — Escreva essa sentença no quadro-negro.

A. — Eil-a, aqui.

P. — Essas sentenças são chamadas sentenças *admirativas* ou *exclamativas* e levam sempre ponto de admiração.

Ainda ha as sentenças que ordenam, que mandam, e são sentenças *imperativas*. Dê um exemplo, Pedro.

A. — *Vá, depressa.*

P. — Ainda ha as que revelam desejo na realização dum facto e que são chamadas *optativas*, exemplo: *Tomára que chova!*

Mas, voltemos á nossa Botanica. Que partes conhece você numa planta?

A. — A raiz, o caule, as folhas...

P. — Toda planta tem raiz. Na sentença, a *raiz*, a parte principal, chama-se *sujeito*; e o resto da sentença chama-se *predicado*.

Uma porção de plantas num jardim fórmam o que, Mario?

A. — Um canteiro.

P. — Na linguagem, uma reunião de sentenças representa um *paragrapho*. Nós, aqui no quadro-negro, não temos *paragraphos*; temos apenas sentenças simples e isoladas.

E' facil vêr a raiz duma planta?

A. — Está quasi sempre embaixo da terra.

P. — Para vêl-a, conhecel-a, o que é preciso?

A. — Arrancar a planta.

P. — Para se conhecer a raiz da sentença, o *sujeito*, é preciso tambem arrancal-a, com uma pergunta.

Vejamos a sentença declarativa, que ainda está no quadro-negro. Leia, Manoel.

A. — *Eu gosto de estudar.*

P. — Para se conhecer qual é o *sujeito*, pergunta-se: *Quem gosta de estudar?*

A resposta será o *sujeito*.

A. — Então, *eu* é o *sujeito*.

P. — Justamente. (Muitos e variados exemplos até firmar bem a noção de *sujeito*.) As raizes das plantas serão eguaes?

A. — São bem differentes.

A. — Algumas plantas têm uma só raiz, um bulbo bem grande.

A. — Outras têm mais duma raiz, eguaes na importancia.

A. — Outras têm uma raiz grande donde saem outras menores.

P. — As *raízes* das sentenças — os *sujeitos* também variam de estrutura: ás vezes, o sujeito é um só; ás vezes, ha diversos sujeitos igualmente importantes; e outras vezes, ha uma parte do sujeito que é mais importante, tendo *radículas* que a completam.

A. — Esta é como a raiz perpendicular.

P. — (Fará muitos exercicios com sujeitos das tres especies, sem mencionar, a principio, o nome e escreverá no quadro-negro o que segue.)

1) *Arthur estuda leitura, arithmetica, linguagem e geographia.*

2) *Carlos, Maria e Jayme brincam.*

3) *Eu tenho fome.*

4) *As duas boas meninas querem bólas e bonecas.*

P. — Qual é o sujeito da 1.^a sentença?

A. — (Depois de lêr e fazer a pergunta.) E' *Arthur*.

P. — Escreva, então, o sujeito na raiz da planta do 1.^o desenho.

A. — (Escreve.) *Arthur*.

P. — Qual é o sujeito da 2.^a sentença?

A. — (Depois de lêr.) E' *Carlos, Maria e Jayme*.

P. — Escreva, então, esse sujeito no 2.^o desenho.

A. — (Escreve.) *Carlos, Maria e Jayme*.

P. — Qual é o sujeito da 3.^a sentença?

A. — (Depois de lêr.) O sujeito é *eu*.

P. — Colloque-o no 3.^o desenho. Esse sujeito é parecido com o outro que já vimos?

A. — E' igual ao 1.^o

P. — Leia agora a 4.^a sentença, para me dizer qual é o sujeito.

A. — O sujeito é: *As duas boas meninas*.

P. — Qual é a parte mais importante desse sujeito?

A. — E' *meninas*.

P. — Essa palavra então irá para a parte mais importante da raiz.

A. — Para a raiz principal?

P. — Exactamente. As outras palavras irão para as raízes secundarias.

A. — *As, duas e boas?*

P. — Sim... Já estudámos as raízes — os *sujeitos*. Tudo o que está fóra da terra (caules e fôlhas) constitúe o *predicado*, que estudaremos outro dia.

(*Este exercicio póde sêr variado, dando-se exemplos para que os alumnos fórmem sentenças apropriadas.*)

ARITHMETICA

DIVISÃO DE FRACÇÕES

(EXERCICIO DE RECAPITULAÇÃO)

Na Arithmetica precisamos mais da pratica do que de preceitos; mais de exercicios do que de regras.

Uma lição de Arithmetica bem dirigida, bem animada, consegue os fins almejados, quasi que sem theoria.

Professor. — Quem sabe responder á seguinte pergunta: si 20 laranjas forem divididas entre 5 meninos, quantas receberá cada um? Estou vendo que todos da classe sabem. Responda, você, Alberto.

Alumno. — E' muito facil. Cada menino receberá 4 laranjas.

P. — E si 40 laranjas forem divididas entre 4 meninos, quantas receberá cada um?

A. — Cada um receberá 10 laranjas.

P. — Trinta e cinco laranjas repartidas entre 5 meninos?

A. — Sete laranjas a cada um.

P. — Oito laranjas divididas por 8 meninos?

A. — Uma laranja para cada um.

P. — Duas laranjas entre 4 meninos?

A. — Cada um receberá $2/4$ ou meia laranja.

P. — Meia laranja dividida entre 2 meninos, quanto dará para cada um?

A. — $1/4$.

(*Os primeiros dez minutos deverão sêr gastos em exercicios oraes, faceis como os precedentes.*)

P. — Até agora, que temos estado fazendo com as laranjas?

A. — Repartindo-as, dividindo-as.

P. — Vá ao quadro-negro, Julio, fazer o signal de divisão.

A. — (Faz o signal.) Prompto, professor.

P. — Vamos escrever, abreviadamente, as perguntas com as respostas que acabámos de achar. Repita, José, uma das perguntas que acabei de fazer.

A. — Si 20 laranjas forem divididas entre 5 meninos, quantas receberá cada menino?

P. — Escreva isso no quadro-negro, mas, abreviadamente, como eu disse.

A. — (Escreve.) $20 \div 5 = ?$

P. — Escreva, de novo, pondo a resposta.

A. — (Escreve.) $20 \div 5 = 4$ laranjas.

P. — Agora, são 2 laranjas que vamos dividir por 4 meninos. Escreva, Joaquim.

A. — (Escreve.) $2 \div 4 = ?$

P. — (Mostrando duas laranjas divididas em quartos.) Aqui estão as duas laranjas; divida-as entre 4 meninos.

A. — (Dividindo.) Cabem $2/4$, ou $1/2$ para cada um.

P. — Que escreveu você, emcima?

A. — O 2.

P. — Que representa o 2?

A. — São as laranjas.

P. — O *dividendo*, aquillo que vamos dividir, não é verdade?

A. — E', professor.

P. — E embaixo o que se escreve?

A. — Os 4 meninos, o *divisor*. (*Varios exemplos semelhantes.*)

P. — Muito bem. Temos aqui (mostrando) a metade duma laranja para dividir por 2 meninos. Reparta você, Paulo, Quanto receberá cada um?

A. — Um quarto.

P. — Escreva no quadro-negro.

A. — (Escreve.) $1/2 \div 2 = 1/4$.

P. — (Mostrando.) Um terço de uma laranja para dividir por dois meninos.

A. — (Fazendo a divisão.) Dá $1/6$.

P. — Escreva.

A. — (Escreve.) $1/3 \div 2 = 1/6$.

(Varios exercicios analogos.)

P. — Não podemos sempre andar com as laranjas para fazer os calculos; precisamos saber que conta fazer com $1/2$ para dar $1/4$, com $1/3$ para dar $1/6$ etc.

A. — E' multiplicar.

P. — Sim: conservar o dividendo e multiplicar o divisor.

(Esta lição será seguida por outras semelhantes, menos tempo sendo gasto com exercicios oraes, deixando-se mais tempo para exercicios mais difficeis.)

INSTRUCCÃO MORAL E CIVICA

O JURY, SUA IMPORTANCIA, SUA ORGANIZAÇÃO E SUA NECESSIDADE.
DEVERES DOS JURADOS

(Continuação)

Professor. — Attenção! Todos vocês, na ultima aula, ficaram sabendo que os criminosos vão presos e depois vão a jury, onde soffrerão uma pena que lhes é imposta, conforme o crime praticado, não é assim?

Alumno. — Eu muitas vezes leio nos jornaes que o jury absolveu o réo. Que quer dizer isto, professor?

P. — Gostei da sua pergunta. Você mostra que é attencioso e intelligente. Nem todos os réos que vão a jury são condemnados. Muitos são *absolvidos*, isto é, não soffrem pena alguma; *são livres*, como diz o povo.

A. — Porque, professor?

P. — Porque os juizes, que são os representantes da sociedade, acharam que elles não eram culpados ou então, si cometeram um crime, foi porque motivos superiores e justos os obrigaram a pratical-o.

A. — E si o réo fôr absolvido sáe da cadeia?

P. — Sim, é posto logo em liberdade, salvo casos especiaes.

A. — E sendo condemnado, quantos tempo ficará preso?

P. — Conforme a natureza do crime praticado. Poderá ficar um, dois, tres mezes e mesmo muitos annos, não podendo porém a pena sêr maior de 30 annos.

A. — E não poderá ser condemnado á morte?

P. — Felizmente a pena de morte foi abolida no Brasil. Ella ainda existe nos E. Unidos, na França, Russia, Hespanha etc. Em nossa patria, como já lhes disse, a pena maxima é de ... Quem se lembra, diga.

A. — Trinta annos de prisão.

P. — Muito bem. Vamos agora estudar o jury. Como já vimos, elle é um tribunal eminentemente popular. E' formado por homens de preparo e probidade, escolhidos em todas as classes sociaes, e que formam o *corpo de jurados*.

A. — Quantos são os jurados?

P. — Em nosso Estado são sete. Os seus trabalhos são presididos por um juiz que os sorteia.

Tanto o promotor como o advogado do réo pódem recusar sete dentre os jurados que vão sendo sorteados.

A. — Porque recusam?

P. — Porque muitas vezes os sorteados são amigos, inimigos ou parentes do réo, do promotor ou do seu proprio advogado.

A. — Quando um homem pratica um crime vae logo ao jury para sêr julgado?

P. — Não. Si o criminoso é preso *em flagrante*, isto é, no momento em que pratica o crime, vae para a cadeia e a policia então *abre inquerito*.

A. — Que quer dizer isso?

P. — Já lhe respondo, meu curioso amiguinho. A policia *abre inquerito*, isto é, indaga, pergunta, inquire, recolhe provas para poder decidir si o accusado é ou não criminoso. Si achar que o é, remette o processo ao juiz. Este manda o processo ao promotor, que é o representante da justiça publica, o qual denuncia o criminoso.

A. — E si a policia achar que o preso não é criminoso?

P. — Mandará archivar o processo, ficando assim tudo acabado. Após a denuncia do réo começa o *summario de culpa* perante o promotor e o juiz, podendo o accusado apresentar a defesa que entender. Concluido o *summario*, si o juiz achar que o réo é culpado, pronuncia-o, e caso contrario, despronuncia-o.

A. — Sendo pronunciado o réo, que lhe acontece?

P. — Terá que sêr julgado pelo jury.

A. — E si fôr despronunciado?

P. — Será posto em liberdade si estiver preso. Ficará emfim o accusado absolvido da falta que lhe imputavam.

A. — Como é julgado um criminoso?

P. — O tribunal do jury, como já vimos, é formado pelos sete jurados, pelo juiz que é o presidente, promotor, escrivão e advogados. No dia do julgamento o réo comparece só ou acompanhado de seu advogado.

A. — E si elle não o tiver?

P. — O juiz nomeia-lhe um defensor, pois o réo não pôde ficar sem defesa.

Vocês são ainda menores e por isso não podem assistir ás sessões do jury. Eu, porém, vou ensinar-lhes o seu funcionamento. Depois de sorteados e escolhidos os jurados, o escrivão lê o processo todo. Em seguida, o promotor procede á accusação, isto é, affirma, baseado em provas, que o réo é um criminoso como tal deve sêr condemnado. Depois, o advogado da defesa combate as palavras do promotor e conclue pedindo a absolvição do réo. Após os debates o juiz formula uns *quesitos*.

A. — Que quer dizer isso?

P. — Umas perguntas que devem sêr respondidas pelos jurados, que o fazem em sala secreta, incommunicaveis. Conforme a resposta dada aos quesitos pelos jurados, o juiz absolve ou condemna o réo.

A. — Sendo absolvido, é posto em liberdade e sendo condemnado, fica preso, não é professor?

P. — Sim, meu amiguinho.

Creio que vocês ficaram conhecendo o que é o jury. Quando forem moços, irão assistir a um julgamento e serão também juizes e assim ficarão conhecendo melhor o jury. Como vocês viram, elle é muito importante. A sua existencia, grandeza e moralidade dependem de todos nós. E' dever de todo cidadão brasileiro sêr jurado.

Na proxima aula falaremos sobre os deveres dos jurados.

BOTANICA

NOÇÃO DAS GRANDES DIVISÕES DO REINO VEGETAL

O ensino elementar deve sêr suggestivo e não minucioso. Deve dar uma idéa geral do conjunto, despertando na mente investigadora da criança o desejo de saber o que mais ha a aprender a respeito do assumpto que se lhe apresenta.

Professora. — Lembram-se do que lhes ensinei hontem?

Alumna. — Aprendemos que os vegetaes se reproduzem por meio das flôres que se transformam em frutos.

P. — Muito bem. Mas, olhem esta avenca. Como será que ella se reproduz? Ella não dá flôres!...

A. — E' verdade! Essa avenca está ahi na janella ha tanto tempo e ainda não floresceu!

P. — Ha plantas que não produzem nem flôres, nem frutos.

A. — A avenca é a unica que eu conheço.

A. — A samambaia também não dá flôres.

P. — Não é só com a avenca que tal acontece. (Mostrando um cogumelo.) Que é isto?

A. — Não sei, não, senhora.

A. — E' um cogumelo, não é?

P. — Exactamente. Os cogumelos são os mais simples dos vegetaes. Vejam: não têm raiz, nem folhas, nem flôres.

A. — Como são elles, então?

P. — Têm apenas *talo*.

A. — Os musgos tambem não florescem, não é mesmo?

P. — Sim, e todas essas plantas que não dão flôres, recebem o nome de plantas *cryptogamicas*. São plantas que têm os orgams de reproducção occultos.

A. — Não têm flôres, mas têm orgams de reproducção?

P. — Olhem aqui embaixo destas folhas de avenca. Que vêem?

A. — Uma porção de pontinhos escuros.

A. — Parecem sementinhas.

P. — São uma especie de sementes — são os *esporos*. E' por meio destes *esporos* que as plantas *cryptogamicas* se reproduzem. A's vezes, o vento leva os esporos, que cáem ao sólo. Pódem permanecer por muito tempo em estado *latente*, isto é. sem brotar.

A. — As plantas *cryptogamicas* gostam de humidade?

P. — Sim, no sólo humido germinam com facilidade.

A. — Aqui embaixo desta avenca ha uma porção de brotinhos novos.

A. — Que engraçado! Parecem uma porção de fiozinhos enrolados.

A. — De certo é porque aqui caíram os esporos.

A. — E as plantas que dão flôres que nome têm?

P. — Chamam-se *phanerogamicas*.

A. — O feijão e o arroz são *phanerogamicas*?

P. — Perfeitamente. Suas flôres são formadas de folhas modificadas, de modo a produzirem frutos e sementes.

A. — E' nestas sementes que estão as futuras plantinhas?

P. — Justamente. Cada uma destas sementes dará nova planta, si encontrar as condições necessarias á sua germinação.

O reino vegetal apresenta uma quantidade infinita de plantas.

A. — Quantas qualidades ha, mais ou menos, de vegetaes?

P. — Ha cem mil especies, actualmente conhecidas. Para estudar essas variedades precisamos classificar-as.

A. — Como fizemos com os animaes?

P. — Exactamente. A primeira divisão já vocês aprenderam.

A. — *Plantas cryptogamicas* são as que não têm flôres e *plantas phanerogamicas*, as que têm flôres.

P. — Escreva, Amelia, essas duas palavras no quadro-negro.

A. — Ha muitas plantas *cryptogamicas*?

P. — Ha, mas em muito menor numero que as *phanerogamicas*. Por ora, vamos nos occupar sómente da divisão das *phanerogamicas*. (Mostrando uma vagem e uma pinha.) O feijão cresce dentro do que? Vejam.

A. — Cresce dentro duma casca ou bainha.

P. — E quando essa bainha se abre, o que acontece?

A. — Cáem os feijões.

P. — E a pinha?

A. — A pinha não tem bainha. Quando bem madura, despenca e cáem os pinhões.

P. — Ah! vemos a divisão das plantas *phanerogamicas*: as que têm sementes protegidas por uma casca, são *angiospermicas*, e as que têm grãos descobertos, presos mal e mal a um pedunculo commum, são *gymnospermicas*.

A. — O feijão é *angiospermico*, e o pinhão é *gymnospermico*.

P. — E destas duas *subdivisões*, qual será a que conta maior numero de especies, Marieta?

A. — (?)

P. — As *angiospermicas* contam maior numero de plantas e são divididas em plantas *dicotyledoneas*, quando a semente contém uma pequena planta com duas folhas ou *cotyledones*.

A. — Ah! Isso nós já aprendemos quando plantámos o milho e o feijão. O feijão é *dicotyledoneo*.

A. — A planta é *monocotyledonea* quando a semente apresenta apenas uma folha, um *cotyledone*.

A. — O milho, o trigo e o arroz são *monocotyledoneos*.

P. — Diga-me, pois, Marina, como pôde você classificar o feijão?

A. — É *phanerogamica*, porque dá flôres; é *angiospermica*, porque cresce em bainha; é *dicotyledonea*, porque sua semente tem dois *cotyledones*.

P. — Basta, por hoje. Na proxima aula continuaremos este estudo.

GEOGRAPHIA

ESTRADAS DE FERRO

ESTRADA DE FERRO SOROCABANA — RAMAES

Continuamos o methodo que vimos adoptando nestas lições sobre estradas de ferro, por sêr pratico, util e suave.

Professor. — Qual é o premio de que vocês mais gostam?

Alumno. — Um livro.

A. — Jógos.

A. — Cartões.

A. — Um passeio.

P. — Muito bem. Vou premiar hoje o optimo comportamento e a boa applicação da classe durante a semana, effectuando um passeio por um dos principaes ramaes da *Estrada de Ferro Sorocabana*, que vocês já conhecem, não é assim?

A. — Sim, senhor; já estudámos essa estrada.

P. — Donde parte ella, Affonso?

A. — Desta Capital: o edificio da sua estação inicial, vae desde a rua Mauá até ao Largo General Osorio.

P. — Bravos! Bem se vê que você prestou attenção ás minhas explicações... Como vocês já sabem, a *Sorocabana* é uma via férrea muito longa, que tem diversos ramaes. Iremos

percorrel-os pela ordem ... Quando sahimos de S. Paulo, pela *Sorocabana*, qual foi a primeira cidade que encontrámos, Pedro?

A. — *Osasco*.

P. — Ora, Pedro! *Osasco* não é ainda uma cidade! As cidades, no nosso mappa, estão representadas por um ponto preto, cercado por uma circumferencia. Veja, ahi no mappa, si *Osasco* é cidade.

A. — Não é, não, senhor.

P. — Então, qual é a primeira cidade, depois de S. Paulo?

A. — *S. Roque*.

P. — Perfeitamente. Depois desta cidade, qual foi a primeira localidade, que encontrámos? Continúe a olhar no mappa.

A. — *Mayrink*.

P. — Muito bem. De *Mayrink* não sairá algum ramal?

A. — Sae, sim, senhor.

P. — Pois é por elle que iremos viajar. Supponhamos, que o trem chegou em *Mayrink*. Vamos tomar agora o comboio que segue pelo ramal. Iremos parar numa cidade que já é nossa conhecida. Possui um collegio muito antigo e importante, dirigido pelos padres da *Companhia de Jesus*. Nella, em 18 de abril de 1873, realizou-se uma reunião dós representantes de differentes municipios, a qual tomou a denominação de *Convenção de ...* Quem, souber o resto, diga.

A. — *Ytú*.

P. — Justamente. Já tratámos deste assumpto em outras aulas, não é assim? De modo que iremos parar agora na cidade de ... Olhem sempre o mappa.

A. — *Ytú*.

P. — E', como já viram, uma cidade historica, que fica a seis kilometros do salto de *Ytú-guassú*. Seu commercio é prospero e a industria manufactureira de diversos tecidos de algodão, é desenvolvida. E' banhada pelo *Rio Tietê* ... Mas eis que chegámos em *Ytú*. Vocês não viram que o trem passou por diversas localidades antes de chegarmos aqui? Não sabem os nomes dellas? O José vae olhar no mappa e nos dizer.

A. — *Mineiros*, *D. Catharina* e *Pirapitinguy*.

P. — Muito bem. Póde sentar-se.

Iremos parar agora em *Salto*, lugar onde ha importantes fabricas de algodão. Continuemos nossa viagem, sempre seguindo o mappa. Iremos depois ás estações de *Pimenta* e *Itaicy*. Olhem bem. Muita attenção! Que estão vendo? Fale você, Julio.

A. — De *Itaicy* sãe um ramal que vae passar por *Indaia-tuba*, *Cardeal*, *Elias Fausto*, *Tiburcio* e *Capivary*, donde parte um ramalzinho até *Dr. Albano*.

P. — Muito bem. Continúe, Alvaro.

A. — Continuando a viagem pelo ramal de *Itaicy*, depois de *Capivary*, vae elle passar por *Mombuca*, *Rio das Pedras*, *Taquaral* e *Piracicaba*.

P. — Esta cidade é muito importante: tem escola normal, escola agricola, engenho central, fabricas de tecidos; seu commercio é muito activo; está situada á margem do rio que lhe dá o nome, o qual é affluente do rio . . . quem me diz?

A. — *Tietê*.

P. — Sim. Depois de *Piracicaba*, o ramal vae passar por onde? Veja no mappa, Luiz.

A. — Vae passar por *Barão de Rezende* e *Chave*, donde sãem dois pequenos ramaes: um vae a *Costa Pinto*, *Recreio*, *Paraizo*, *Xarqueada* e *S. Pedro*; e outro vae até *Porto João Alfredo*.

P. — Perfeitamente. Continúem attentos. Pouco adeante do lugar onde estamos e que se chama . . . quem quer dizer?

A. — *Itaicy*.

P. — Justamente. Desse ramal parte um outro ramal de *Tombador*, que vae passar por *Quilombo*, *Mont-Serrat*, *Itupeva* e *Jundiacy*, cidade que vocês já conheceram quando viajámos pela . . . por que estrada mesmo?

A. — Pela *Estrada de Ferro Inglesa*.

P. — Bem. Escolham agora: querem tomar algum ramal, ou acham melhor fazer a viagem directamente? O Luiz, por sêr um bom alumno, vae decidir pelos collegas.

A. — Como o senhor já nos explicou muito bem os dois ramaes, acho melhor continuarmos a viagem directamente.

P. — Então, partamos. A viagem está quasi terminada. Daqui iremos passar por *Helvetia*, *Descampado*, *Sete Quedas* e chegaremos a uma cidade muito importante. Vejam qual é ella.

A. — E' *Campinas*.

P. — Muito bem: é a segunda cidade do Estado em população, pois conta perto de 120 mil habitantes. Possui um gymnasio estadual, escola normal, instituto agronomico, lyceu de artes e officios, uma bellissima cathedral e é séde dum bispado. E' servida pelas vias férreas *Paulista* e *Mogyana*, as quaes ainda iremos estudar. E' berço do immortal maestro Carlos Gomes e do grande Dr. Campos Salles, que como vocês sabem foi...

A. — Presidente da Republica.

P. — Como faremos agora para regressar a S. Paulo, João?

A. — Poderemos voltar pelo mesmo ramal da *Sorocabana* ou então indo até *Jundiahy* pela *Paulista* e em seguida pela *Ingleza*, chegaremos em S. Paulo.

P. — Muito bem. Assim que gosto de vêr um menino intelligente e estudioso! Vamos então deixar a cidade de Campinas e regressar a S. Paulo pelo caminho indicado por João. Brevemente faremos outra viagem, que muito hão de apreciar.

HYGIENE

PRIMEIROS SOCCORROS MEDICOS EM CASOS URGENTES

Communs são os accidentes devidos a descuidos ou a ignorancia. Um conhecimento dos primeiros socorros necessarios ao tratamento desses casos, é de incontestavel utilidade ás crianças.

Professor. — Que tem você no braço, Manoel?

Alumno. — Fui a Santos passar o feriado e voltei com os braços assim. Dóe como uma queimadura!

P. — Realmente: o sol queimou bastante o seu braço!... Mas, a queimadura do sol ainda não é das peiores.

A. — Porque?

P. — Porque raramente passa duma queimadura de 1.º grau.

A. — E ha queimaduras de outros graus?

P. — Sim. São chamadas queimaduras de 1.º grau aquellas em que a pelle se torna apenas vermelha.

A. — A minha felizmente é de 1.º grau.

P. — De 2.º grau são aquellas em que o calor destróe a pelle deixando a carne exposta ao ar.

A. — Essas devem sêr mais dolorosas.

P. — E as de 3.º grau são aquellas em que não só a pelle como a carne foi queimada.

A. — Lá perto de casa morreu uma criança queimada e disseram que foi porque não a acudiram logo.

A. — Que é preciso fazer quando alguém se queima?

P. — Para se prestar soccorros em casos urgentes, é preciso primeiramente não perder a calma nem o tempo. A perda dum só minuto pôde ás vezes causar sérios desastres.

A. — O peór é si a gente estiver só, quando se queimar!

P. — A melhor coisa a fazer é a gente deitar-se no chão e enrolar-se num tapete, ou envolver-se num cobertor ou qualquer outra coisa que exclua o ar.

A. — E si não houver tapete nem cobertor?

P. — Rolar no chão, procurando bater as chammas com as mãos.

Quando se tratar de apagar o fogo na roupa de alguém, deve-se ter cuidado de começar pelos hombros, para afastal-o da cabeça. Tambem nunca se deve correr. O ar é o principal amigo do fogo.

A. — Porque é que as queimaduras dóem tanto?

P. — Porque os tecidos ficam expostos ou irritados.

No tratamento de qualquer especie de queimadura é a exclusão do ar que se deve procurar.

A. — Mamãe põe gordura nas queimaduras.

A. — E mamãe põe trigo molhado.

A. — Mamãe põe sabão.

A. — Eu já vi pôrem bicarbonato de sóda.

P. — Qualquer coisa que evite o contacto do ar.

O *linimento calcareo*, que é uma mistura em partes eguaes de oleo de linhaça e agua de cal, é excellente para queimaduras; é remedio que não deve faltar em casa alguma. Quando os dedos forem queimados, devem sêr envoltos separadamente.

Si a queimadura fôr muito grave, deve-se chamar immediatamente o medico e collocar a parte queimada na agua. Assim, quando o medico chegar, não perderá tempo em retirar o trigo, oleo ou qualquer outro remedio que possa têr sido usado.

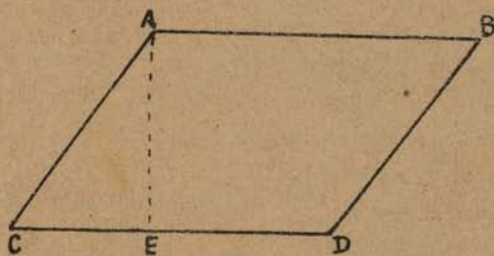
GEOMETRIA

AREA DO PARALLELOGRAMMO

As definições geometricas não têm tanta importancia como os exercicios praticos, que habilitam a criança a reconhecer as figuras.

Vendo, cortando, verificando como é formada a area duma figura, aprenderão a calcular essa area.

(Toda a classe deve estar munida de papel, regua, lapis e tesouras ou canivetes. No quadro-negro, o desenho de um parallelogrammo de 0,^m50x0,^m30.)



Professor. — Este desenho, aqui no quadro-negro, representa um grande canteiro que vou fazer no meu jardim, mas, notem bem: a figura representa um canteiro 10 vezes menor do que o verdadeiro canteiro que o jardineiro vae fazer.

2º ano 13 sem

Sancção

(Sano

Que fôrma posso dizer que o canteiro vae ter?

Alumno. — E' um *parallelogrammo*.

P. — Muito bem. Gostei de vêr que reconheceu logo a figura, pois já a estudámos outro dia.

Façam, todos vocês, canteiros de papel, com esta fôrma.

A. — Os canteiros em fôrma de *parallelogrammos*?

P. — Naturalmente que não poderão sêr do tamanho do canteiro do meu jardim, nem tão pouco do tamanho deste, representado no quadro-negro.

A. — Que medida tem esse, professor?

P. — Venha medir.

A. — Aqui temos, na base, 0,^m50; portanto, 5 ^m no canteiro de verdade.

P. — Muito bem. Mas, como fez a conta?

A. — Pois o canteiro do jardim é 10 vezes maior. Ora, $10 \times 0,50 = 5$.

P. — Veja a *altura* Pedro.

A. — E' de 0,^m30. Quer dizer que no jardim essa altura tem 3^m.

P. — Agora, pôdem todos fazer os seus canteiros de papel e depois recortál-os.

A. — Prompto, professor.

P. — Marquem nos canteiros a altura do *parallelogrammo*.

A. — Representar a largura do canteiro, não é?

P. — Isso mesmo. Venha você, Antonio, marcar no quadro-negro a altura.

A. — E' esta a altura: *AE*.

P. — Cada quál córte o seu canteiro pela largura, isto é, pela *altura* do *parallelogrammo*.

Que figura temos agora?

A. — (Mostrando.) Este pedaço menor é um *triangulo*, e este outro é um *trapezio*.

P. — Colloquem o triangulo á direita do trapezio, com o lado menor, isto é, com a base para baixo.

A. — Coube certinho!

A. — Que engraçado! Ficou um *rectangulo*!

P. — Qual era a figura da qual tirámos o triangulo, e que ainda temos no quadro-negro?

A. — Um parallelogrammo.

P. — E agora?

A. — Um rectangulo.

P. — Augmentámos ou diminuímos o parallelogrammo, quando o transformámos em rectangulo?

A. — Nem augmentámos nem diminuímos. Só tirámos esta ponta, este triangulo daqui e puzemos naquelle vão.

P. — Qual é maior? Este rectangulo que temos ou o parallegrammo que tínhamos?

A. — São eguaes.

A. — Nós recortámos, mas tornámos a juntar os pedaços.

P. — Como se acha a area dum rectangulo? Lembra-se, Renato?

A. — Multiplicando a base pela altura.

A. — E não se esquecendo que a medida é quadrada!...

P. — Bravo, Alfredo! Isso é bem importante.

Voltemos agora ao nosso canteiro. Contratei com um jardineiro fazer o canteiro, revolver-lhe a terra, estercal-o e plantal-o, a 1\$200 o metro quadrado. Quanto vae me custar esse canteiro?

A. — Primeiro é preciso saber quantos metros quadrados tem elle.

A. — A area.

P. — E como vou saber?

A. — E' a mesma coisa que a area do rectangulo: multiplicando-se a base 5^m pela altura 3^m.

A. — A area do canteiro é de 15^{m²}.

A. — Sabendo-se que são 15^{m²} é facil o resto. Si um metro quadrado custar 1\$200, 15^{m²} custarão 15 vezes mais. O canteiro custará 18\$000.

PHYSIOLOGIA DA RESPIRAÇÃO

I

O methodo a seguir nesta aula deve sêr o mais pratico possível. Não devemos dispensar o uso das gravuras. E' um erro ministrar-se um ensino puramente verbal, derramando sobre o espirito passivo das crianças um amontoado de factos e abstracções.

Professor. — Ouçam uma coisa: Si prendessemos um passarinho, ou um gato, ou um cão, ou um menino, ou um homem dentro duma caixa, bem fechada, que aconteceria, Lucio?

Alumno. — Todos morreriam, certamente.

P. — Mas, porque José?

A. — Porque faltaria o ar para elles respirarem.

P. — Perfeitamente. Então, os animaes para viverem precisam de ar, não é assim? E as plantas tambem respiram, Marques?

A. — (?)

P. — Não sabe? Olhe que você já aprendeu isso noutra aula! Quem sabe? Fale você, Pereira.

A. — As plantas tambem respiram, porque são, assim como os animaes, sêres vivos.

P. — Muito bem. Quando estudarmos a circulação, mostrarei a vocês que o nosso sangue quando tem uma côr vermelha, muito viva, chama-se *sangue arterial*. Logo porém que se torna improprio para a vida, torna-se escuro e recebe o nome de *sangue venoso*.

A. — E o que acontece então?

P. — Não servindo esse sangue para a nossa vida, é claro que precisamos tornal-o bom, isto é, *arterial*.

A. — Mas, como, professor?

P. — Já vão vêr. Não podemos extrair o sangue ruim do nosso organismo e substituil-o por outro bom. Então, vem a *respiração* corrigir o mal. Quando respiramos, o que acontece? Quem sabe? Você, João, fale.

A. — O ar penetra pelo nariz, entrando assim em nosso organismo.

P. — Sim. E uma vez dentro do nosso corpo, opéra a transformação do sangue *venoso* em *arterial*.

De modo que é pela respiração que isso se dá, não é assim? Que é, pois, respiração?

A. — (?)

P. — Respiração, não é mais do que o acto pelo qual o ar é levado ao interior de nosso organismo, para transformar o sangue *venoso* em *arterial*. Vejamos agora quaes as partes de que se compõe o *apparelho respiratorio*. Olhem bem para esta gravura.

O nosso *apparelho respiratorio* consta de: *larynge*, *trachéa-arteria*, *bronchios* e *pulmões*.

Além dessas partes, temos ainda o nariz, ou melhor, as fóssas nasaes. (*Em seguida o professor ensinará á classe a anatomia de cada um desses orgams.*)

Estou certo que todos agora já sabem quaes os orgams que fórmam o nosso *apparelho respiratorio* e tambem já conhecem cada um delles. Na proxima aula, trataremos de aprender como devemos respirar de que maneira o sangue venoso torna-se em arterial etc.

II

Professor. — Vamos continuar nossa aula sobre a respiração. Faremos uma recordação, para depois tratarmos de aprender como devemos respirar, de que maneira o sangue *venoso* se transforma em *arterial* etc.

(*O professor fará uma recapitulação geral da aula anterior.*)

Muito bem. Quasi todos ficaram conhecendo o *apparelho respiratorio*. Agora, que já conhecem todas as partes desse *apparelho*, vamos aprender como funcçionam ellas. Olhem bem para a gravura.

Alumno. — Que figuras interessantes!

P. — Quando respiramos, o que é que penetra em nosso organismo, no interior do nosso corpo? Sabe, Manoel?

A. — Sei, sim, professor: é o ar.

P. — Sim. E por onde entra esse ar, Guilherme?

A. — (?)

P. — Então, não se lembra da 1.^a parte do aparelho respiratorio?

A. — Ah! ... Pelas fossas nasaes.

P. — Muito bem. Em seguida elle vae ter á ... quem sabe? Olhem bem a gravura. Fale você, Eugenio.

A. — Eu penso que vae ter á larynge, que é a segunda parte do aparelho respiratorio.

P. — Muito bem. E' isso mesmo ... E depois, Orlando?

A. — Elle desce pela trachéa-arteria.

A. — Perfeitamente. E penetra finalmente ... onde? Quem quer dizer? Fale, José.

A. — Penetra nos pulmões.

P. — Sim, passando pelos bronchios.

A. — E como é que elle vae parar no sangue?

P. — Uma vez o ar em nossos pulmões, ao passar pelos vasos capillares nelles existentes, esse ar que está rico de oxygenio, encontra-se com o sangue venoso, ao qual fornece o oxygenio, recebendo em troca uma parte do gaz carbonico e do vapor dagua de que está impregnado esse sangue. Então, o sangue venoso, de escuro que era, torna-se escarlate e proprio para alimentar os tecidos do organismo.

A. — Porque será que o nosso peito está sempre em movimento, professor?

P. — Porque quando o ar entra em nossos pulmões, o diaphragma se abaixa e as costellas se elevam e afastam-se umas das outras, de modo que determinam o augmento da caixa thoraxica.

A. — Mas, que é *diaphragma*, professor?

P. — E' um musculo chato e forte que separa o estomago dos orgams que se acham na caixa thoraxica ... Como eu ia dizendo, em seguida o diaphragma eleva-se, as costellas voltam ao estado primitivo, a caixa thoraxica diminúe de capacidade e o ar é expellido dos pulmões, seguindo o mesmo caminho de entrada, mas, é claro, em sentido contrario.

A. — Esses movimentos não têm nomes próprios, professor?

P. — Sim. A entrada do ar nos pulmões chama-se *inspiração* e a saída, *expiração*. A mudança do sangue *venoso* em *arterial*, denomina-se *hematose*.

A. — Em nossos pulmões entra muito ar, professor?

P. — A quantidade de ar que penetra em nosso organismo, em cada inspiração, está avaliada em *meio litro*. O individuo adulto, gozando boa saúde, *inspira e expira quinze vezes por minuto*. Na criança este numero é maior.

Estou certo que todos já ficaram conhecendo um pouco a *anatomia* e *physiologia* do nosso aparelho respiratorio.

Noutra aula falaremos sobre outros aparelhos.

HISTORIA DO BRASIL

OS PRESIDENTES

(Continuação)

Professor. — Vamos hoje continuar a nossa aula de Historia. Como já vimos, na aula passada, o segundo presidente da Republica foi...

Alumno. — O marechal Floriano Peixoto.

P. — Muito bem. E que cargo elle exercia, antes de sêr presidente?

A. — Elle era vice-presidente e substituiu o primeiro presidente.

P. — E o presidente a quem Floriano Peixoto substituiu, quem era, Orlando?

A. — O marechal Deodoro da Fonseca.

P. — Perfeitamente. Aqui está o retrato do grande brasileiro — marechal Floriano Peixoto — que, devido á sua grande energia e tenacidade, recebeu o cognome de — *Marechal de ferro*.

A. — Onde nasceu o marechal Floriano, professor?

P. — Já lhe vou contar, meu curioso. Elle nasceu, tambem como o grande Deodoro, no Estado de Alagoas, a 30 de abril de 1839. Foi ministro da guerra, no governo provisorio de 1889. Eleito vice-presidente da Republica, em 1891, substituiu depois o Marechal Deodoro, que havia renunciado o cargo no mesmo anno.

A. — Até quando Floriano Peixoto governou, professor?

P. — Até 1894, sendo substituido pelo terceiro presidente, que foi o saudoso paulista Dr. Prudente José de Moraes Barros.

A. — Que houve de notavel no governo do marechal Floriano, professor?

P. — Muito bem, meu pequeno! Estou gostando de suas perguntas! O bravo Floriano, que tomou parte na batalha do Aquidaban, na Guerra do Paraguay, foi valente e energico, recebendo por isso a justa alcunha de *Marechal de ferro*, como já disse.

A. — Porque, professor?

P. — Pois elle teve a coragem bastante para castigar treze generaes que não o queriam como substituto do Marechal Deodoro. Além disso, castigou a outros que assim mereciam, apri-sionou-os e desterrou-os. Em 1893 e 1894 teve que suffocar as revoltas do Rio Grande do Sul e da esquadra. Usou de meios muito energicos, mas conseguiu restabelecer a ordem no paiz. Ha duas palavras do marechal Floriano que dão idéa de sua bravura e energia. Houve, no governo do grande marechal, uma revolta. Um dia o commandante dum navio estrangeiro e o consul do respectivo paiz, procuraram Floriano e disseram-lhe que os seus marinheiros iam desembarcar, afim de garantir as suas vidas, pois não tinham confiança na acção do governo.

E o tal commandante estrangeiro teve a audacia de perguntar-lhe:

— Senhor marechal, como receberá os nossos marinheiros?

— *A bala!* . . . — respondeu calmamente Floriano ao atrevido que ousára insultar a Patria.

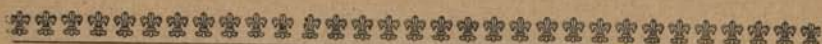
A. — E não desembarcaram?

P. — Nem um estrangeiro desembarcou . . . Infelizmente o bravo Floriano falleceu logo depois que deixou a presidencia, isto é, a 29 de junho de 1895.

Aprendeí, meus pequenos, a historia dos grandes brasileiros, e procuraí imitar os seus altos feitos.

Na proxima aula estudaremos a vida do Dr. Prudente de Moraes.





PEDOLOGIA

A IMAGINAÇÃO E SUAS VARIEDADES NA CRIANÇA

(F. QUEYRAT. —Trad.)

CAPITULO IV

O TYPO VISUAL

(Continuação)

O celebre orador Hérault de Séchelles era um visual, a julgar por esta passagem de suas obras: “Escrever, diz elle, pois a memoria se recorda mais daquillo que ella viu escrito. *A escrita é como um quadro onde se lê no momento em que se fala.* — Eu tenho observado que a memoria, ao menos para mim, estava no logar onde eu tinha visto uma coisa. Tinha eu uma lembrança confusa de não sei que? Era só conduzir meu espirito ao logar, e este me dava a idéa do que eu ahi tinha percebido.” — Quem não reconhecerá ainda o visual nestas palavras de Charma (*Ensaio sobre a linguagem*): “*Pensamos nossa escrita como escrevemos nosso pensamento,*” — na experimentação que este phychologo propôz: “*Ensaiae pensar sem figurar os caracteres,*” e tambem nestas linhas de M. Ch. Richet: “Quando eu penso no Progresso, vejo esta palavra impressa typographicamente com um grande P inicial.”

Taes são, em summa, os caracteres que distinguem o typo visual. Elles apparecem reunidos no caso seguinte dum doente observado por M. Charcot, relatado por M. Bernard: “Nelle, a memoria era sobretudo *visual*. A *visão mental* lhe dava ao primeiro appello a representação dos traços pessoas, a fôrma e a côr das coisas com tanta nitidez e intensidade como a propria realidade. — Procurava elle um factó, uma cifra relatada em sua volumosa correspondencia feita em diversas linguas? Immediatamente os encontrava nas cartas que via mentalmente,

nos seus menores detalhes, irregularidades e rasuras. — Recitava elle uma lição quando estava no collegio? Lia um trecho dum autor favorito? Duas ou tres leituras fixavam-lhe na memoria a pagina com suas linhas e letras e elle recitava, lendo mentalmente, a passagem que, ao primeiro appello se lhe apresentava com toda nitidez. — Para fazer uma addição, M. X... bastava percorrer as diversas columnas de numeros fossem ellas longas ou não, e dar o total sem hesitação, sem fazer as operações de detalhe, como é costume fazer-se.

Elle executava do mesmo modo as diversas operações da Arithmetica, e não podia recordar-se duma representação theatral, que não evocasse immediatamente todos os detalhes da mesma... — M. X... viajou muito. Gostava de esboçar os sitios e as perspectivas que o tinham impressionado. Desenhava bem. Sua memoria fornecia os panoramas mais fieis. Lembrava-se duma conversação? Procurava uma certa palavra? O logar da conversação, a physionomia do interlocutor, a scena parecia-lhe em todo o conjuncto. — A *memoria auditiva* faltava toda, emfim, da qual elle apenas procurava um detalhe, apparecia-lhe em todo o conjunto. — A *memoria auditiva* falta constantemente a M. X... Elle nunca teve o menor gosto pela musica."

Para se poder determinar si uma pessoa pertence ao typo visual, M. Binet propõe, como signal objectivo, tentar a experiencia de Wundt, a que já nos referimos. Esta experiencia é difficil de repetir, porque exige um poder de visualização que nem todos têm. "Quanto a mim, diz Binet, não posso perceber claramente uma côr, pois sou um visual muito mediocre; tambem não é de admirar que eu não consiga obter sensações consecutivas coloridas. Mas, meu excellente amigo, o Dr. Feré, o consegue facilmente. Elle pôde representar num papel uma cruz vermelha bem viva, e em seguida vêr uma cruz verde: assim, elle vê não só a côr, mas a fórma."

(Continúa.)

EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(HENRY BOUQUET. — Trad.)

A LINGUAGEM

(Continuação)

Mas, esta imitação na criança limita-se aos sons que ella ficou conhecendo e que emite. Ora, seu alphabeto só se augmenta lentamente, alphabeto phonetico, já se entende, e se desenvolve, mais ou menos, numa mesma ordem.

O menino que começa a articular alguns sons, a principio só conhece as vogaes. Parece-nos um pouco pueril querer definir exactamente qual a primeira vogal e em que ordem as outras apparecem no vocabulario infantil. Mas póde-se admittir o E e o A, com todas as inflexões que se lhes possa dar, como as primeiras emittidas. A criança conserva por muito tempo esta acquisição e com esses unicos sons sua voz sabe compôr "phrases" — sons que parecem bem differentes uns dos outros. Esta variedade augmentará naturalmente em porporções bastante consideraveis, quando a criança conhecer todas as vogaes.

A's vogaes vêm reunir-se as consoantes cujas primeiras adquiridas são as labiaes, chamadas com justa razão — explosivas. Queremos falar das letras B e P que são as primeiras que se juntam ás vogaes já conhecidas. A resistencia opposta pelos labios á sahida dos sons é, não ha duvida, a origem da acquisição das primeiras consoantes. Agora a educação e a imitação intervêm no desenvolvimento da linguagem.

As primeiras palavras que a criança pronuncia, ou mais exactamente, os primeiros sons compostos que ella emite são monosyllabos que já representavam as vogaes emittidas isoladamente. Esta linguagem inicial vae se desenvolvendo lentamente, a principio pela repetição da syllaba já pronunciada, depois formando sons de duas syllabas e emfim de muitas. E' a repetição da syllaba inicial que dá origem aos termos *papá* e *mamã*, assim como á palavra *nenê* que as crianças pronunciam rapidamente desde que começam a associar as consoantes ás

vogaes. Cumpre notar que aqui se trata duma imitação retrograda, pois em realidade a criança é que é o educador dos adultos; estes a fazem pronunciar, *dando-lhes um certo sentido*, as syllabas que ella mesma pronunciaria apenas entrando em sua composição uma vogal e uma consoante explosiva. A criança pronuncia rapidamente esses monosyllabos repetidos, porém não lhes liga sinão tardiamente o sentido que os educadores lhes querem dar, e desde que ella está de posse da palavra *papá*, ella applica-a indifferentemente não só a qualquer pessoa, como ainda aos objectos inanimados que lhe causam uma impressão agradável. Tambem observam-se crianças que sem nunca terem conhecido o pae, repetem a palavra *papá*. Póde-se fazer a mesma observação a respeito do disyllabo *mamã*, mais tardio que o precedente, porquanto o M entra menos precocemente no alphabeto phonetico da criança.

Assim como a criança pronuncia *papá* e *mamã*, sem fazer applicação que só lhes dá interesse do ponto de vista do desenvolvimento da intelligencia do sêr humano, do mesmo modo irá repetir, sem lhes ligar o minimo sentido, as palavras de facil pronunciação que lhe queiramos ensinar. E não só repetirá essas palavras por imitação, como ainda forjará outras desconhecidas pelos seus educadores e que demonstrarão a persistencia dessa linguagem espontanea de que já falámos.

E' mesmo bastante frequente que das palavras forjadas pela criança ella faça uma boa applicação; são muito communs as crianças que têm inventado certos sons mais ou menos complicados com que recebem a sua mamadeira. Mas, pouco a pouco o vocabulario se complica e toma um sentido, o que se observa no fim do primeiro anno. E' nesta época, na maioria das crianças, que ellas começam a estabelecer um laço de ligação entre um bocejo ou um acto e a palavra que se lhes repetiu por muitos mezes mostrando-lhes esse objecto ou fazendo-as realizar esse acto.

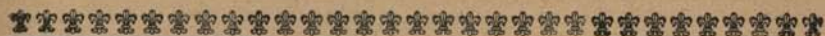
Não continuaremos a seguir o desenvolvimento da linguagem na criança. Compreende-se que estabelecida a primeira relação entre uma palavra e uma coisa, as outras possam seguir, com mais ou menos rapidez. Ver-se-á mais tarde esta-

belecer-se a constituição rudimentar da phrase simples pela relação entre duas palavras e, por consequencia, entre duas idéas similares ou artificialmente aproximadas. O papel da imitação torna-se aqui preponderante, sendo ás vezes os educadores que a impõem e outras, a criança que imita para crear um prazer novo. Mas a applicação exacta dos vocabulos ás coisas vem quasi que exclusivamente da educação.

“O typo, diz Guyau, a maneira pela qual a criança deve aprender muitas coisas sem se fatigar, é o modo pelo qual ella aprende sua lingua materna, não ouvindo o murmurio continuo das palavras sinão quando está disposta, deixando-as entrar em sua cabeça, espontaneamente, e não como prégos enterrados em seu cerebro pela repetição.” Esta phrase resume o capitulo.

(*Continúa.*)





LIÇÕES DE COISAS

O NAVIO

Professor. — Olhem que bonitas figuras. Algum de vocês sabe o nome dellas?

Alumno. — São navios.

A. — São barcos.

P. — Muito bem! Ha muitas pessoas que têm parentes e amigos morando noutras terras, noutros paizes. Como será que ellas poderão ir visital-os?

A. — Por meio dos navios.

P. — Usamos constantemente objectos que vêm doutros paizes. Como é que elles nos vêm?

A. — Vêm nos navios.

A. — Que coisa util o navio!

P. — Muito. Differentes em fórma, desde a simples jan-gada que os nossos irmãos do norte usam, até ao mais moderno transatlantico, todos elles servem para transportar homens e mercadorias através dos oceanos, dos mares.

A. — Eu ouvi dizer que ha tambem navios de guerra. E' verdade?

P. — Sim. Esses, mais fortes e resistentes, são chamados: *cruzadores, torpedeiras, destroyers, caça-torpedeiras, canhonei-ras* etc. Olhem alguns desses, aqui no mappa.

A. — Antigamente os navios eram a vela, não eram mesmo?

P. — E' verdade, e dependiam quasi que exclusivamente do vento para deslizarem sobre as aguas.

A. — E agora?

P. — Agora, o navio a vapor fez quasi que desaparecer o navio a vela. Muitos dos navios modernos são movidos a gazolina.

A. — Esses andam mais depressa?

P. — Não só andam mais depressa, como são muito mais limpos.

A. — Eu acho os navios um pouco parecido com casas.

P. — Os navios são verdadeiros palácios fluctuantes, onde se encontra tudo quanto o conforto e o luxo pôdem desejar: lavanderias, salões de barbeiro, salas para gymnastica, para jôgos das crianças, cinemas etc., etc.

A. — Que vontade de viajar num navio desses! . . .

A. — Onde são feitos os navios?

P. — Os navios são feitos em officinas chamadas *estaleiros*.

A. — De que são feitos?

P. — Actualmente, quasi todos são construidos de ferro e aço, bem pintados e cobertos de piche. Olhem bem esta estampa dum grande navio. Esta parte debaixo, a primeira a sêr construida, é a *quilha* do navio.

A. — Essa parte fica dentro da agua, não é?

P. — Fica, sim. O seu interior, o *porão*, é aproveitado para os machinismos e para deposito de mercadorias.

Esta parte superior é o *costado* do navio. O costado é a parte superior da quilha, e fórma com esta o *casco* do navio.

A. — Como é cheio de janellinhas!

A. — Parecem as janellas duma casa!

P. — Essas janellinhas são para deixar entrar luz e ar. Quando o mar está encapellado, precisam sêr fechadas.

A. — Essas janellas fórmam diversas carreiras, como aqui na figura?

P. — Exactamente, e cada carreira de janellas corresponde a um andar e cada janella, a um commodo do navio.

A. — E como é que se vae dum andar a outro? Ha escadas?

P. — Ha escadas e elevadores. Os quartos dos navios são chamados *cabinas*. Largos *tombadilhos* cobrem os lados dos navios impedindo que a agua entre nas cabinas.

A. — A gente póde passear pelos tombadilhos, não póde?

P. — Perfeitamente, e dansar e jogar tambem . . . Imaginemos que estamos em pé, no tombadilho deste navio. Olhando em direcção para onde vae o navio, vemos a *prôa*.

A. — Então, a *prôa* é na frente?

P. — Exactamente, e atraz, a *pôpa*. No meio o navio é bem mais largo.

A. — Porque será?

P. — Esta fórmula facilita-lhe abrir caminho através das ondas. Elle tem o formato, algum tanto, dos peixes.

A. — Mas, porque será que com tanto peso os navios não afundam?

P. — Tome este pedacinho de louça e ponha-o nesta bacia com agua. Que aconteceu?

A. — Foi ao fundo.

P. — Agora, ponha esta chicara. Cuidado que não se encha de agua!

A. — A chicara boia.

P. — Boia, fluctúa, assim como o navio, porque se tornou, por sua fórmula, mais leve do que a agua deslocada. A construção dos navios está hoje em dia aperfeçoatissima. Antigamente, era preciso conservar constantemente um *piloto* ao *leme*, para dar direcção ao navio. Hoje, até isso é feito por machinismos.

A. — Quando eu fôr a Santos, hei de visitar um navio para conhecer bem todas as suas partes.

P. — Para melhor conhecê-lo é preciso fazer uma viagem, examinal-o bem de *prôa* a *pôpa*, quando em movimento. E' preciso ir da *sala das machinas* ao *tombadilho* do *capitão* e arranjar um official que explique toda a maravilhosa engrenagem dessa arrojada e utilissima invenção humana.

O IMAN

(Sobre a mesa um *iman* natural e outro artificial; agulhas de "tricot," de aço, e agulhas de coser; prégos, canivetes, pennas, limalha de ferro etc.)

Alumno. — (Mostrando o *iman* artificial.) O senhor já viu como esse objecto, que está ahi emcima da mesa, é parecido com um, muito interessante, que o Arthur ganhou?

Professor. — Interessante porque?

A. — Suspende agulhas, pennas etc.

P. — Como?

A. — E' uma ferradura, que attráe prégos, canivetes, etc.

P. — Ah! ... já sei. O objecto de que você fala, não é uma ferradura; — chama-se *iman*. (Mostrando o iman natural.) Pegue neste objecto e aproxime-o deste prégo.

A. — Oh! ... attrahiu o prégo, como o iman do Arthur!

P. — Pois este objecto, este corpo tambem é um iman, mas um *iman natural*.

A. — Quer dizer que o do Arthur não é natural?

P. — Exactamente. Examine bem este iman.

A. — E' uma especie de pedra.

P. — Sim: é uma pedra maravilhosa, encontrada sómente em certas regiões. (Dando-lhe uma agulha de *tricot*, de aço.) Toque com a agulha, nesta penna, que é de aço.) Que aconteceu?

A. — Nada. Não houve attracção.

A. — Será que a agulha de *tricot* não é iman?

P. — Justamente. Erga a mesma agulha com um iman.

A. — Posso erguel-a com o iman natural?

P. — Sim. Agora, chegue-a perto da penna.

A. — Com a agulha presa ao iman?

P. — Sim.

A. — Ella attrahiu a penna!

P. — Chamamos a isso *imantar* ou *magnetizar*. A agulha ficou *imantada*.

Friccionando-se uma folha de canivete com este iman natural, ella tambem ficará imantada e poderá attrair.

A. — Fica com as propriedades do iman?

P. — Justamente. Friccione este prégo com o iman.

A. — Prompto. Está bem friccionado.

P. — Experimente agora erguer, com elle, uma agulha de coser.

A. — Elle não ergue... Porque será?

P. — Porque o ferro não póde sêr imantado.

A. — Então, já sei: só o aço é que póde sêr imantado.

P. — Sim: suspenda, horizontalmente, por este fio de sêda, a agulha de *tricot*, que está bem magnetizada. Aproxime-a do prego.

A. — Oh!... como a agulha está procurando o prego!

P. — Vamos agora attrair o papel com o iman.

A. — (Experimentando.) Não attráe!

P. — Nem tão pouco a madeira, o vidro, o cobre etc.

Ponha embaixo do papel a sua navalhinha e experimente.

A. — Agora, sim: attrahiu.

P. — Os imans attráem o ferro e o aço, mesmo através do papel ou do vidro. Ponha, Arthur, o seu iman nesta limalha de ferro.

A. — A limalha grudou no iman!

P. — Principalmente onde?

A. — Nas pontas.

P. — Sim: é nas extremidades dos imans que a attracção é maior.

A BUSSOLA

(Sobre a mesa os mesmos objectos que os da lição sobre o iman e mais uma rolha e uma bussola.)

Alumno. — Vamos dar outra vez a lição do iman? Eu já sei bem essa lição.

Professor. — Tanto melhor, pois a lição de hoje depende de conhecimento do iman. Lembram-se como vocês acharam o iman maravilhoso? Hoje vamos aprender uma das suas utilissimas applicações.

A. — Eu pensei que elle servia só para brinquedo!

P. — Ora, vae vêr como estava enganado. Suspenda, horizontalmente, por estes fios de sêda, estas duas agulhas de *tricot*.

A. — Como fizemos na lição do iman?

P. — Justamente.

A. — Já estão magnetizadas?

P. — Já. Toque-as um pouco; faça-as oscillar.

A. — Voltam sempre para onde estavam.

P. — Tome agora aquella agulha, que é furada no meio. Pelo orificio faça passar este alfinete, prendendo-a a esta ro-lha. Não aperte muito.

A. — De modo que ella possa girar?

P. — Justamente.

A. — A agulha está magnetizada?

P. — Está, mas você póde friccional-a melhor, si quizer.

A. — No iman, não é?

P. — Sim . . . Que notam a respeito das nossas agulhas? Fale quem souber.

A. — As duas agulhas suspensas pelos fios, e agora esta tambem, tomaram todas a mesma direcção.

P. — E que direcção é essa, aqui na sala?

A. — Este canto é *norte* . . . Estão todas apontando o *norte*.

P. — Muita attenção! A terra é um grande iman. A attra-cção que a terra tem sobre a agulha magnetizada, fazendo com que ella se dirija *sempre* para o *norte*, deu logar á invenção deste instrumento (mostrando uma bussola) chamado *bussola*.

A. — Que é *bussola*, professor?

P. — A bussola não é mais do que uma agulha magneti-zada e equilibrada sobre um *pivot* e collocada sobre um qua-drante onde estão marcados os quatro pontos cardeaes: norte, sul, leste e oeste. Veja, Alvaro, para onde aponta a agulha ou o ponteiro da bussola?

A. — Para o norte.

A. — Justamente: para o norte da sala.

P. — Si soubermos onde é o norte, saberemos onde estamos?

A. — Basta saber um dos pontos cardeaes para se conhecer os outros tres.

P. — Antes da invenção da bussola, guiavam-se os homens pelo sol e pelas estrellas. Os marinheiros muito ganharam com essa invenção.

A. — A bussola, então, é melhor do que o sol para a gente se orientar.

P. — Porque acha você a bussola melhor que o sol?

A. — Porque o sol, ás vezes, está escondido pelas nuvens.

P. — Muito bem. A invenção e o uso da bussola facilitaram e desenvolveram extraordinariamente a navegação.

A. — Havia mesmo de sêr desagradavel estar-se em pleno mar e não saber onde se estava!

P. — Tambem para os caçadores e exploradores a bussola tem grande utilidade.

A FARINHA DE TRIGO

Professor. — (Mostrando um pedaço de pão.) Eis aqui um alimento que todos vocês conhecem. E' um alimento precioso.

Alumno. — Será que é mesmo peccado jogar fóra o pão?

P. — Peccado, propriamente, talvez não seja. E' um modo de se ensinar ás crianças a não o desperdiçarem.

A. — Quando ha tanta gente sem pão, não devemos mesmo desperdiçal-o!

P. — Demais, levando em conta não só a sua utilidade como alimento, mas tambem o tempo e o trabalho gastos em produzil-o, vemos quão precioso elle é!

A. — O pão é feito de trigo, não é?

P. — Sim: geralmente o pão é feito de farinha de trigo. Vejamos quanta coisa é preciso para obtermos o pão!

A. — Precisamos primeiramente do trigo.

A. — Aqui o trigo não se dá muito bem, não é verdade, professor?

P. — Exactamente: elle gosta de climas bem frios. O Rio Grande do Sul é o nosso Estado productor de trigo.

A. — Donde vem tanto trigo com que fabricamos o nosso pão?

P. — Da Argentina e da America do Norte.

A. — Eu gostaria bem de vêr trigo plantado!

P. — (Mostrando espigas ou estampas de trigo.) Plantado, não temos aqui, mas por esta estampa vocês verão que geito tem o trigo, pelo menos em espiga.

A. — Como é bonito!

P. — Quando verde, é lindo! A plantação de trigo é um vasto oceano verde-esmeralda ondulando ao vento... Que será preciso para a cultura do trigo? Sabem?

A. — (?)

P. — Pois não é necesario preparar a terra?

A. — Ah!... sim. Precisamos arar, limpar e adubar bem o sólo.

P. — E depois?

A. — Depois semear.

P. — Muito bem. Passadas algumas semanas começa a apparecer a planta. Cresce então depressa, formando altas hastes ocas, mas fortes. Nestas hastes ha *nós* donde saem as folhas... Olhem bem para esta gravura.

A. — As folhas parecem capim.

P. — O trigo pertence á mesma familia que o capim: é uma *graminea*. Continúem a examinar a figura.

A. — As espigas saem de cima.

P. — Sim, no topo. São verdes e pequenas a principio; crescem porém depressa. O sol quente do verão tosta as hastes e amadurece as espigas.

A. — Depois de maduras, têm que sêr colhidas?

P. — Não só colhidas como batidas, para dellas sahirem os grãos. Machinismos aperfeiçoados cortam, colhem e limpam o trigo.

A. — Ainda tem de sêr moido.

P. — Sem duvida. As sementes são moidas em moinhos, ou outras machinas aperfeiçoadas.

A. — As sementes não têm casca?

P. — Têm, sim, uma casca como a do arroz, da cevada, do centeio etc. Essa casca presta-se para *farêlo*.

A. — E' o farêlo que se dá aos animaes?

P. — Sim. Os moinhos tiram o farêlo, que tambem é

reduzido a farinha. Ha moinhos a vento, a vapor, a agua, ou a electricidade.

A. — Os moinhos a agua são construidos perto dos rios?

P. — Quasi sempre . . . Qualquer que seja a força motriz, ella é utilizada para dar movimento a enormes pedras chamadas *mós*. A mó inferior é fixa; a superior move-se sobre a outra, triturando os grãos ahi depositados, reduzindo-os a farinha.

A. — As nossas *mós*, isto é, os nossos dentes molares são ao contrario: os superiores são os firmes.

P. — Bravo! Muito bem observado, Julio! Bem se vê que está compreendendo! Depois de moido, é o trigo peneirado. Com os aperfeiçoamentos modernos, vae o trigo directamente da *mó* aos *saccos*. E' a farinha de trigo.

A. — Quanto trabalho e despesa para se conseguir essa farinha!

A. — E ainda falta o trabalho todo que o padeiro tem.

A. — Vou ter muito cuidado em não estragar mais o pão.

O ASSUCAR

(Sobre a mesa, amostras de diferentes especies de *assucar*, *canna* etc.)

Professor. — (Dando aos alumnos sal e *assucar* para provarem.) Que é isso que vocês acabaram de provar?

Alumno. — Eu provei *assucar*.

A. — Eu provei sal, pensando que ia provar *assucar*!

P. — (Dando *assucar* ao alumno que provou sal.) E, agora?

A. — Agora, sim: isto é *assucar*.

P. — Como é que você soube, como distinguiu?

A. — Muito bem; pelo gosto.

P. — Que gosto tem o *assucar*?

A. — E' doce.

A. — Pela côr, ás vezes não se póde reconhecer o *assucar*.

A. — O sal tambem é branco.

P. — A palavra assucar vem da palavra thibetana — *sa-kar*, que significa *terra, poeira branca*... E donde nos vem essa *poeira branca* de que vocês e as formigas tanto gostam?

A. — Vem da canna de assucar.

P. — Mas, será sómente da canna que poderemos extrair o assucar?

A. — (?)

P. — O assucar é muito espalhado na natureza, especialmente nos vegetaes e notadamente na canna e na beterraba.

A. — Algumas frutas tambem têm assucar, não é verdade?

P. — Justamente, tanto que são doces, como a laranja, a banana, a uva etc.

A. — Certos legumes e certas hastes têm assucar?

P. — Isso mesmo. A seiva de certas arvores tambem produz assucar.

A. — As abelhas tambem nos dão o *mel*, que é doce.

P. — E um assucar natural... Mas, donde é que ellas tiram esse mel?

A. — Das flôres.

P. — Podemos, pois, dizer que quasi todo o assucar é produção vegetal. Assim, o vegetal que produz quasi todo o assucar que consumimos aqui no Brasil, qual será?

A. — (Mostrando a canna de assucar.) E' esse que está pintado ali.

P. — E como será que tiram o assucar da canna? Que será preciso fazer em primeiro logar?

A. — Espremer bem os caules das cannas.

P. — Justamente. Chama-se a isso — *moer*.

Essa operação é feita em *engenhos*, isto é, machinas onde a canna passa entre cylindros pesados.

A. — Fica só o *bagaço*, não é?

P. — E o que sáe, o que é?

A. — O caldo que sáe é a *garapa*.

P. — (Molhando assucar com bastante agua.) Digam-me o que entrou na formação desta calda, desta garapa?

A. — Agua e assucar.

P. — Vê você agora o assucar?

A. — Não vejo, não, senhor.

P. — Quando assucar e agua se encontram o que acontece?

A. — A agua dissolve o assucar.

P. — Como poderemos fazer desaparecer a agua que está misturada com o assucar?

A. — (?)

P. — Fervendo, ou deixando a agua assucarada exposta ao sol.

A. — E ahi apparece o assucar?

P. — A evaporação faz com que a agua desapareça e fique só o assucar.

A. — Então, deve-se deixar a garapa ao sol para virar em assucar?

P. — Não. O caldo ou garapa é primeiro purificado.

A. — Como é que purificam?

P. — Fervem a garapa, ás vezes, com um pouco de cal. As impurezas sóbem então á superficie do liquido.

A. — Ficam na espuma?

P. — Sim, e pôdem sêr facilmente retiradas. O liquido do fundo é o *melado*. O melado, quando crystallizado, é o assucar *mascavo*.

A. — Esse é escuro... E o assucar branco?

P. — O melado é dissolvido em mais agua, sendo-lhe adicionado um pó negro, o carvão animal.

A. — De que é feito esse pó?

P. — E' obtido calcinando-se ossos de animaes.

A. — E para que se põe esse carvão?

P. — Para filtrar e clarear o liquido, pois esse carvão tem a propriedade de absorver as materias corantes.

A. — Quanto trabalho não dá o assucar desde a plantação da canna até que fique prompto para o nosso café!

A. — Mas, vale a pena!

A. — Quanta falta não nos faria o assucar!

P. — Sim: o assucar é um dos artigos de maior consumo mundial, um dos que avultam no commercio industrial.

A. — O Brasil produz bastante assucar, não produz?

P. — Quasi todo o territorio brasileiro presta-se á cultura da canna. Pernambuco é o nosso Estado assucareiro.

A. — E S. Paulo?

P. — S. Paulo vem em quarto lugar. E' pena que não cuidemos mais dessa cultura e industria. Poderíamos exportar cem vezes mais assucar do que exportamos.

A. — Na minha fazenda vou plantar sómente canna.

P. — E deve dar a essa cultura um cunho moderno, com todos os recursos da mecanica agricola.

A MANTEIGA

Professor. — Que mancha é essa na capa de seu livro, Manoel?

Alumno. — De certo é da manteiga do meu lanche.

P. — E' preciso ter mais cuidado, embrulhar melhor o lanche, para que isso não aconteça mais.

A. — Ainda bem que o livro estava com capa!

A. — Parece mancha de gordura.

P. — E é mesmo. Pois a manteiga outra coisa não é si não gordura.

A. — Mas, que coisa interessante: a manteiga tem gordura e o leite de que a manteiga é feita não tem!

P. — Como não! Parece que não tem, mas tem.

A. — Mas, não se vê.

P. — O leite está cheio de pequeninas particulas de gordura.

A. — E' mesmo! Estão espalhadas e misturadas nelle.

P. — A gordura não fluctúa em massa, no leite.

A. — E' por isso que não se a percebe.

P. — A gordura está contida em grande numero de pequeninos globulos e, cada globulo está bem envolvidinho numa finissima membrana.

A. — E como é que se faz a manteiga? Como é que se retira essa gordura do leite?

P. — Nunca repararam como o leite, depois de immovel por algum tempo, cobre-se com uma pellicula amarellada?

A. — E' a nata, não é, professor?

P. — Justamente. E' ahi que está a manteiga.

Ha machinas que desnatam o leite.

Põe-se então a nata em *baratas* ou *batedeiras*, que são machinas proprias para o fabrico da manteiga.

A. — E bate-se?

P. — Sim. Fabricar manteiga chama-se mesmo *bater manteiga*.

As baratas ou batedeiras reúnem os globulos de gordura de que falámos. O leite é agitado ou batido de tal fórma que as membranas, que contêm os globulos, se partem.

A. — E a gordura sáe?

P. — O bater ainda reúne a gordura, agora solta das membranas, formando uma massa gordurosa.

A. — E' a manteiga?

P. — Justamente. Portanto, a manteiga é gordura.

A. — Pela mancha no livro do Manoel, via-se mesmo que era gordura.

A. — Quem será que inventou tirar a gordura do leite, fazer manteiga?

P. — Essa invenção é attribuida aos arabes. E, como tantas outras, foi resultado do acaso.

A. — Como foi?

P. — Conta-se que os arabes, tendo posto o leite em *saccos* de pelles, para transportal-o através do deserto, acharam no fim da viagem em vez de leite—manteiga. Os camelos *bateram* o leite.

A. — Que boa invenção! Eu gosto bem da manteiga.

A. — Quanta coisa boa não se faz com manteiga!

P. — Além de sêr gostosa, é excellente alimento. Nalgumas partes da Europa usam a manteiga como unguento, preferindo o azeite como alimento.

A. — Eu não quero saber disso! Quero manteiga no meu pão.

P. — Faz bem; você não tem mau gosto, não!



O CHAPÉO

Professor. — Vocês não calculam como estou contrariado!

Alumno. — Porque, professor?

P. — Pois não sabe? Você não viu como seus collegas se portaram mal no recreio? Correram, gritaram, agarraram-se, jogaram papel pelo chão; *chutavam* e jogavam chapéos para o ar...

A. — Sim, senhor. O senhor tem toda a razão de estar aborrecido. Peço-lhe desculpas por meus collegas.

P. — Espero que não continuarão a proceder assim... Alvaro, vá agora ao cabide e traga de lá os chapéos do Laercio, do José, do Luiz e do Limongi.

A. — Aqui estão, professor. Oh! como estão sujos! A *palheta* do Laercio está quebrada!

P. — Vejam vocês a consequencia dos maus brinquedos. Os chapéos ficaram sujos, amarrotados, estragados. Vocês sabem quantos sacrificios fizeram seus paes para comprarem esses chapéos? Vocês sabem quanto trabalho é despendido para fabrical-os? Não sabem nada disso, pois si o soubessem, não teriam feito o que fizeram... Aproveitemos a occasião e vamos falar do chapéo. Quaes os chapéos que vocês conhecem? Pódem falar.

A. — Chapéos de feltro.

A. — De pelle.

A. — De velludo.

A. — De linho.

A. — De sêda.

A. — De palha.

P. — Perfeitamente. Sabem quaes são as melhores lãs para a fabricação de chapéos?

A. — (?)

P. — São as da Australia e da Argentina. A franceza, a hespanhola e a ingleza não são melhores.

P. — De que serão feitos os chapéos de palha? Alguem sabe?

A. — (?)

P. — Os chapéos de palha fazem-se de folhas de palmeiras, fibras de caniço, bambú, palha de arroz, palha de trigo etc. Sabem quaes são os mais finos chapéos de palha?

A. — (?)

P. — Vou dizer-lhes: são os de Panamá e de Manilha. Os da China e Japão são mais ordinarios. A Italia tem excellentes fabricas. E no Brasil haverá muitas fabricas de chapéos, Jorge?

A. — Ha, sim, senhor.

P. — E aqui em S. Paulo?

A. — Aqui temos diversas, no Cambucy, Villa-Prudente etc.

P. — Sim. Vamos estudar rapidamente a fabricação dos chapéos. Para essa industria empregam-se: grandes tanques para a lavagem das lãs e palhas; estufas para seccal-as; caldeiras para preparar o feltro; mesas de mármore para extendel-o; prensas para amalgamar a materia, reduzindo-a a pastas; cortadora de pelles: fôrmas especiaes etc.

A. — Como se preparam as materias para o fabrico do chapéo, professor?

P. — Vejamos primeiramente o chapéo de lã. Chegada a lã na fabrica, é lavada e branqueada por processos chimicos. Depois, vae a seccar em estufas.

A. — *Estufas?*!

P. — Sim: estufas são uma especie de fornos proprios para a seccagem.

Em seguida, vae a lã para a machina de cardar. Depois, passa para outra machina e ahi é transformada em uma massa que é extendida em mesas de marmores. Uma vez fria e secca, essa massa vae para a prensa onde é reduzida a pastas que, depois de cortadas e lisas, estão promptas para tomar a fôrma que desejar o fabricante.

A. — Porque o chapéo tem lustro, professor?

P. — Porque se lh'o dá com ferros proprios. Vejam quanto trabalho dá um chapéo para sêr fabricado. Nas fabricas de chapéos, meus meninos, trabalham milhares de operarios... Quaes as côres que vocês conhecem para chapéos? Pódem falar.

A. — Preta.

A. — Branca.

A. — Cinzenta.

A. — Marron.

A. — Verde.

A. — Azul.

A. — Vermelha.

P. — Sim. Os chapéos de palha também pôdem sêr pretos e envernizados. Quanto á fórma, os chapéos são quasi sempre . . . quem sabe?

A. — Arredondados.

P. — Sim. Só ha uns cylindricos que se chamam vulgarmente *cartolas*.

Quaes os enfeites que se põem nos chapéos, Prado?

A. — Fitas, fivelas, botões, cordões . . .

P. — E os chapéos das senhoras também são enfeitados assim?

A. — Não: uns são enfeitados com flôres.

A. — Outros têm plumas.

A. — Outros, fitas.

A. — Rendas.

P. — Sim, e têm as fórmas mais extravagantes possiveis, que variam conforme a moda, não é assim?

A. — E', sim, senhor.

P. — Antes de terminar a aula, vamos estudar as diferentes partes dum chapéo. Esta parte aqui, como se chama, João?

A. — Aba.

P. — Sim, E' a parte que resguarda o nosso rosto do sol, protege a nossa vista etc. E esta outra, Modesto?

A. — Chama-se cópa.

P. — Muito bem. E' a parte que cobre a cabeça, não é assim?

A. — Justamente.

P. — E este couro, aqui dentro, como se chama, Bento?
Não sabe?

P. — Chama-se *carneira*, e serve para não deixar o suor de nossa cabeça e os oleos que usamos no cabello, estragarem o feltro do chapéo. A *carneira* é feita de que?

A. — De couro.

P. — Perfeitamente. Vejam quanta coisa aprenderam hoje e quanto dinheiro e trabalho custam os chapéos que alguns de vocês andavam *chutando* no recreio. Não façam mais isso, sim?

O COURO

Professor. — (Mostrando á classe diversos pedaços de couro.) Já sei que todos vocês conhecem isto, não é verdade?

Alumno. — São pedaços de couro.

P. — Sei tambem que meus alumnos sabem donde vem o couro.

A. — O couro é a pelle de certos animaes, como o boi, o carneiro, a cabra, o coelho...

P. — Basta. E para que serve o couro?

A. — Para fabricar calçados.

P. — Só para o fabrico de calçados?

A. — Não: serve para fazer outros objectos como, por exemplo: bólas, bolsas, arreños, malas...

P. — Fale outro alumno.

A. — Livros e cintos.

P. — Outro.

A. — Correias.

P. — Quem mais quer falar? Você, Mario.

A. — Cobertas para malas e automoveis.

P. — Muito bem... Os romanos, até moedas fizeram de couro. Alguns dos primitivos canhões eram de couro. Coisas diversas e muito curiosas têm sido feitas de couro.

A. — Então, ha muito tempo que se usa o couro?

P. — Ha muitos seculos.

A. — E como é que se preparam as pelles dos animaes?

P. — A arte de *curtir*, de preparar o couro, é uma das mais antigas. No Egypto antigo muitos eram os cortumes. Nòs museus podem sêr vistas, bem conservadas, correias e cintas cingindo *mumias*, isto é, corpos embalsamados de reis, príncipes e outras personagens daquelle tempo.

A. — Ha muito tempo, então!

P. — Sim: ha muitos seculos. Desde esse tempo até aos nossos dias, é difficil achar povo que não tenha preparado as pelles dos animaes, transformando-as em couro.

A. — E preparavam as pelles como se faz hoje?

P. — Differentes têm sido os processos usados; mas todos elles se baseiam no mesmo principio: empregar na pelle dos animaes, substancias que tenham *tanino*.

A. — *Tanino*?!

P. — Sim: o tanino é uma substancia adstringente, que se encontra na casca de certos vegetaes. Mas, continuemos a nossa palestra sobre o couro. Donde virá tanto couro de que a humidade precisa?

A. — Vem dos animaes como o boi, os quaes são sacrificados para nossa alimentação.

P. — Mesmo assim, não chegaria esse couro.

A. — Então, o remedio que ha é aproveitarmos a pelle de outros animaes.

P. — Vejamos os animaes que nos fornecem couro.

A. — O boi e a vacca.

A. — O carneiro e o cabrito.

A. — O cavallo dá couro forte.

P. — Os animaes que vivem em logares montanhosos onde se acham expostos ás intemperies, dão couro melhor que os gordos e bem tratados.

A. — Que interessante!

P. — Elles tornam-se rijos e a sua pelle tambem... Mas, que outros animaes ha que nos fornecem couro?

A. — (?)

P. — Muitissimos. A phoca e o kangurú dão excellente couro. Os elephantes, rhinocerontes e hypopotamos dão couro grosso e resistente. A pelle de baleias, bufalos, veados é aprovei-

tada como couro. O crocodilo, no qual a gente não gostaria de tocar quando vivo, nos fornece excellente couro para carteiras e malas.

A. — E couro artificial não se pôde fazer?

P. — Muitas têm sido as tentativas para imitar o couro natural, mas até hoje nada pôde realmente substituí-lo.

O GUARDA-CHUVA

Professor. — Como foi você molhar-se desse jeito, Arthur?

Alumno. — O meu guarda-chuva está estragado. Quebrou-se este ferrinho daqui, e agora elle não pára aberto.

P. — Esse *ferrinho* de que você fala, é uma pequena *mola*, uma peça de metal que se pôde abaixar ou levantar para que o guarda-chuva fique ora fechado, ora aberto.

A. — (Mostrando o guarda-chuva.) Foi justamente isto que se quebrou. Foi a mola.

P. — Traga o seu guarda-chuva aqui, para conhecer-lhe as diferentes partes . . . Olhem todos para este guarda-chuva, com atenção, afim de responderem bem ás minhas perguntas.

Esta parte, de panno, como se chama?

A. — E' a *capa*.

P. — Muito bem. Mas será uma só peça?

A. — Não. E' dividida em partes.

P. — Quantas? Conte-as, Jorge.

A. — (Contando.) São oito.

P. — Sim: oito nêsgas triangulares. Vejam bem. A maior parte dos guarda-chuvas têm oito nêsgas, ou *gomos*. Ha alguns de dez, doze e até dezesseis. Continúem examinando o nosso guarda-chuva. Além da parte feita de panno, o que mais vemos no guarda-chuva?

A. — O *cabo*.

P. — Sim: e pôde sêr feito de que?

A. — De madeira.

A. — De osso.

A. — De marfim.

A. — De chifre.

A. — De prata.

A. — De ouro.

P. — Muito bem. E esta parte aqui, que nome tem? Quem sabe?

A. — Essa parte não é a *armação* do guarda-chuva?

P. — E' isso mesmo. A armação é quasi sempre de ferro, e ás vezes de madeira. (Mostrando.) Esta parte em continuação do cabo, onde fica a armação, é a *haste* do guarda-chuva. No fim dessa haste, está a *ponta*.

A. — E' na haste que está a mola para abrir e fechar o guarda-chuva.

P. — E estes *ferrinhos* que sustentam a capa, que fór-
mam a armação, como se chamam? Sabem?

A. — Eu não sei, não, senhor.

P. — São as *varetas*.

A. — Nesse guarda-chuva ha umas varetas menores do que as outras. Todos os guarda-chuvas serão assim?

P. — Muito bem observado, Julio! Essas varetas menores encontram-se em poucos guarda-chuvas e chamam-se *esticadores*. Não são peças essenciaes dos guardas-chuvas; são até bem dispensaveis.

Abra, aos poucos, esse guarda-chuva, Mario, e vá olhando como funcçionam os *esticadores*.

A. — Que interessante! Estas varetas curtas empurram as mais compridas, fazendo-as esticar a fazenda.

A. — E' verdade! Quanta coisa ha que a gente vê e não repara!

A. — E' uma mesma pessoa que faz um guarda-chuva completo?

P. — Sim, mas as diversas peças vêm, quasi sempre, até de cidades e paizes differentes. Dalguns logares vêm as varetas; doutros, a haste, e assim por deante.

A. — A especialidade dalguns fabricantes é o cabo, não é mesmo?

P. — Sim, e ha cabos de differentes fórmãs e especies.

A. — Como é que prendem o cabo á haste?

P. — Com uma cólla apropriada; ás vezes por meio duma rosca.

A. — E depois?

P. — Depois, a mola é collocada. Em seguida, são os esticadores presos cada um á sua vareta correspondente.

A. — E está prompto?

P. — Não. As varetas são perfuradas nas extremidades. Um arame, passando pelos orificios das varetas compridas, reúne-as e prende-as á ponta do guarda-chuva.

A. — As outras extremidades das varetas compridas são tambem perfuradas.

P. — Justamente. E porque será?

A. — Para se pregar a capa.

P. — As extremidades dos esticadores são tambem enfiadas num arame que os une uns aos outros.

A. — Agora, a armação está prompta?

P. — Sim. E o que faltará? Quem me responde?

A. — Falta a capa.

P. — As nesgas são cortadas e emendadas a machina.

A. — Precisam sêr todas do mesmo tamanho?

P. — Precisam, sim, e antes de collocar a capa nos guarda-chuvas, as juntas das varetas são revestidas de fazenda. Vejam, aqui. Isto se faz para evitar que as varetas furem a fazenda.

A. — Ainda ha uma roseta de fazenda na ponta e outra onde os esticadores acabam.

A. — Quanta coisinha!

A. — Quem seria que inventou o guarda-chuva?

P. — Quem inventou não se póde affirmar. O que é certo é que nos museus vêm-se entalhes representando um rei da Assyria com um guarda-chuva. Isto ha 700 annos antes de Christo.

A. — Ha quanto tempo!

P. — O primeiro homem a usar guarda-chuva em Londres foi Hanway, em 1750. Foi muito ridicularizado. O uso do guarda-chuva só foi generalizado 30 annos depois.

A. — Em 1780.

P. — Muito bem! Mesmo nesse tempo dividiam-se as pessoas em tres classes: a classe que podia ter carro e não precisava de guarda-chuva; a que não podia ter carro, mas podia ter guarda-chuva; e a classe que nem carro nem guarda-chuva podia comprar.

A. — Então, era objecto de luxo?

P. — E' verdade, mas hoje ha guarda-chuvas de todo o preço e qualquer pessoa póde obter esse util objecto.



QUESTÕES GERAES

PALESTRAS SOBRE ENSINO

(F. PARKER. — "Biblioth.
pedagogica," organizada por
A. Barreto e J. Stott.)

PALESTRA XI

ENSINO DA CALLIGRAPHIA

A escrita, já vol-o disse, constitúe o segundo grande meio de expressão.

Por isso mesmo é que é imprescindível collocar-a, o mais cedo possível, ao alcance da criança.

Uma das grandes vantagens dos exercicios escritos em relação aos oraes, está em facilitar aquelles ao professor o conhecimento da individualidade de cada alumno, permittindo-lhe que a desenvolva.

Nos exercicios oraes tal caracteristica como que desaparece, devido a constantemente as crianças menos intelligentes imitarem as respostas das que mais o são.

Inconveniente este que, como é facil de imaginar, não pôde existir na composição escrita, em que cada criança exprime seus proprios pensamentos, da maneira que lhe é possível.

Além disso, a criança poderá, por meio desta, produzir maior somma de trabalho, o que representa uma inavaliavel economia, além de se conservarem constantemente occupados seu espirito e sua mão.

Uma terceira razão de grande valor é que, iniciado cedo o trabalho escrito, fará terminarem cedo tambem os exercicios necessarios para a aquisição da calligraphia.

Quero com isto dizer que todo o exercicio de linguagem escrita precisa de sêr considerado *ipso facto* como uma lição de calligraphia. Eis a razão por que a seu respeito vos recom-

mendo a observancia rigorosa da regra de "nunca permittir-se trabalho negligente."

Duas coisas são necessarias á acquisição da calligraphia: primeira, a fôrma das letras; segunda, os movimentos da penna.

Quanto ás fôrmas, já se acham estabelecidas convencionalmente pelas mais altas autoridades em calligraphia deste paiz.

Em todas as nossas escolas, como sabeis, os diversos sistemas calligraphicos apresentam substancialmente as mesmas fôrmas em todas, a obliquidade das letras (entre 51 e 52 graus) é quasi identica.

Não me compete discutir a razão ou a sem-razão disso. O que é facto é que os alumnos, ao entrarem para as classes superiores do curso de grammatica ou do curso primario, já se acham nellas exercitados.

O que importa neste caso, em attenção á economia de tempo, é que desde começo, isto é, desde o inicio da escola primaria, a criança venha traçando correctamente todas as letras, de modo que não mais precise exercitar-se posteriormente.

Si se lhe permittir que manifeste, ao iniciar com o lapis os trabalhos escritos, o que se chama a sua individualidade, isto é, o escrever de qualquer maneira ou de todas as maneiras, maior trabalho dará o seu aperfeiçoamento calligraphico, quando tiver de usar da penna. Seria preferivel que nunca tivesse escrito!

Muitos professores julgam que uma só fôrma fixa calligraphica, para toda uma classe, prejudica a individualidade da criança, destruindo-lhe o character que sóe manifestar-se através da calligraphia.

O argumento é fraquissimo.

E si não, pelo mesmo motivo deveriamos consentir que cada criança, ao lêr, pronuncie a belprazer todas as palavras, pois que a pronuncia fixa, adquirida pelo habito, poderá tambem affectar-lhe sériamente a individualidade!

Não, a razão verdadeira não é essa, mas sim a de não saberem os proprios professores a calligraphia correcta, nem quererem dar-se ao trabalho de aprendel-a.

Não lhes sigaes, porém, o piso: exercitae-vos sempre e por uma pratica constante e cuidadosa, afim de conseguirdes fornecer á vossa classe, traçados no quadro-negro, modelos perfeitos por onde ella se possa guiar.

Quanto a essa questão de character, ha uma regra que deveis seguir sempre, quer se trate de exercicios escritos, quer doutra qualquer disciplina escolar — *a da precisão preceder a facilidade* — ou por outras palavras, de sêr a fórma estabelecida correctamente feita e adquirida.

Formado então um character na criança, esse tal character se manifestará, naturalmente, na calligraphia.

Além disso, a penosa attenção exigida para decifrar os manuscritos dos grandes escritores, homens ou mulheres, poderá ser applicada com mais proveito noutras coisas mais uteis.

A base da calligraphia é nos exercicios de linguagem escrita que melhor se aprende, como aliás já o demonstrámos, ao tratarmos dos principios da leitura, isto é, que cada palavra lida pela criança no quadro-negro seja cuidadosamente copiada na lousa ou no papel, com todo o rigor.

A outra calligraphia, aquella que chamaremos technica, por sêr destinada tão sómente ao aperfeiçoamento dos traços, poderá sêr ensinada simultaneamente, de accordo com certos principios elementares, que são as chaves do seu successo.

Deveis procural-os e seguil-os, que será certo o vosso exito.

(*)

O MOVIMENTO AO ESCREVER

Logo que a criança saiba traçar a lapis, sem hesitação, as fórmãs de todas as letras, ensinae-a a escrever com a penna, isto, porém, sómente quando já estiver cursando o 2.º anno.

Este será um exercicio de pura gymnastica, e como a todo exercicio congenere, deveis exigir-lhe que os movimentos e

(*) Parker aconselha começar-se a calligraphia technica, primeiro com a letra *i*, que fornecerá os elementos para a formação do *u, w, z, x, v, n, m, t, l, b, h, k*, que lhe seguirão, vindo depois — *e, o, c, a, d, g, j, y, p, f, r, s*; e, finalmente, as letras maiusculas, assim grupadas: *A, N, M—T, F—H, K—P, B, R—S, L, G—I, J—X, Q, Z, U, Y, V, W—O—C, E, D.*

posições sejam feitos com a mais escrupulosa precisão e exactidão.

Na realidade, uma só difficuldade existe para o manejo da penna: é que o aprendiz consiga fazer com as pontas ambas della uma linha perfeitamente lisa.

No mais, só aconselho pouquissimas direcções, que, entretanto, deveis exigir sejam cumpridas estrictamente, e são as seguintes:

Posição natural e commoda no banco; os dois pés firmes no chão; os joelhos formando um angulo pouco maior que o angulo recto; o ante-braço apoiado á mesa; o cotovelo formando um angulo maior que o recto; descansar a mão que escreve sobre a unha do dedo annular; segurar a caneta entre o pollegar e os outros dois dedos seguintes, de modo que ella descanse sobre a articulação.

Qualquer dessas posições será, porém, de pouco proveito si andar divorciada dos exercicios gymnasticos que prescrevo.

Bastam alguns mezes de exercicios taes, mas methodicos e rigorosos, para que cada criança adquira uma excellente calligraphia, dado que lhe não sobrevenham defeitos physicos.

IMPORTANCIA DO BRINQUEDO NA EDUCAÇÃO

II

Talvez nenhuma outra theoria, no campo educativo, tenha feito nestes ultimos annos, maior progresso que a da importancia do brinquedo organizado.

Não ha muito tempo Fröebel achava-se só, quando declarava que “nos jógos da infancia está o embryão da vida toda,” e quando optava pelo uso do brinquedo como meio educativo.

Hoje em dia, qualquer livro sobre o estudo da criança, consagra muitas paginas á discussão do brinquedo, e alguns cursos modernos de escolas normaes educam os professores na pratica que prova essa theoria. Mas nem todos, professores e

leigos, reconhecem ainda o valor do brinquedo, e nem estão todas as crianças recebendo essa educação de accordo com a theoria que ella encerra.

A theoria dos jógos e brinquedos é um estudo fascinante, que bem merece a attenção dos professores. Trataremos aqui apenas dalguns pontos mais importantes.

Ha varias theorias. A *theoria physiologica* classifica o brinquedo como uma necessidade physica, não só porque fornece meios de eliminação de energia superflua, como ainda a restauração dos poderes exhaustos. A *theoria biologica* assenta que o brinquedo baseia-se nos instinctos da raça, e que as acções espontaneas dos jógos são as que a criança necessitará mais tarde nas suas occupaões; que o brinquedo habilita a criança a sêr cidadão, soldado, scientista, creador etc., etc. A *theoria psychologica* trata dos effeitos mentaes, e póde sêr denominada: "A descoberta da criança em si mesma."

Ha certas coisas que toda criança gosta de fazer: cantar, conversar, agradar animaes, desenhar, admirar o bello e *brincar*.

No brinquedo, como em qualquer outra coisa, a criança precisa de direcção. O brinquedo para sêr effectivo, cumpre, pois, sêr organizado. O brinquedo organizado é *direito* de toda criança.

Assim elle offerece excellente meio para fornecer á criança dois factores indispensaveis á vida: *concepção do valor e necessidade da lei; oportunidade para agir, para fazer*.

A criança aprende que não póde brincar ou jogar sem sujeitar-se ás leis do jogo; este conhecimento leva-a a apreciar as leis do estado e da vida.

Ainda mais: a criança dos nossos dias não tem a oportunidade nem o incentivo de *fazer*, como tinham as crianças de gerações passadas, pois tudo se lhes apresenta facil, prompto. Na maioria dos seus divertimentos a criança observa ou escuta; consequentemente a sua individualidade não se desenvolve. A criança precisa *fazer*, como um sêr *que produz, que realiza*. Os jógos offerecem-lhe muitas vezes a unica occasião para essa realização. Sabemos que hoje em dia, o grau da adaptabilidade

é a medida do successo dum homem, e que a educação deve encaminhar-se nesse sentido.

Nos jogos a criança tem occasião de formar esse poder. Os jogos constituem, por assim dizer, um mundo em miniatura, no qual a criança aprende a necessidade e a recompensa da adaptabilidade. Nos jogos que exigem observação, aprende que precisa *vêr depressa*; nos que dependem de habilidade, aprende que precisa *sêr esperta e segura*; nos jogos de adivinhação, que precisa *pensar depressa*; no jogo de pegador e seus congeneres, aprende que precisa *sêr physicamente apta*; nos jogos dramaticos e de rôda, aprende que *precisa estar prompta para desempenhar os papeis menos importantes e a gozar dos prazeres alheios*, nos jogos collectivos aprende a *cooperar*.

Em um e em todos elles aprende a criança a necessidade e o valor da *equidade*; a governar o genio; a saber perder; a obrigação e a recompensa de esperar pela sua vez.

Com o conhecimento destas verdades, será possivel negar a asserção que os jogos contituem a preparação para a vida?

PELAS ARVORES

Inspirados nas palavras de illustres poetas, e impellidos pelo desejo ardente de secundal-os na sua santa cruzada em pról das arvores, nos animamos a synthetisar aqui as suas idéas.

E' nosso escopo unico prestando um pallido concurso a esses escritores, diffundir entre os professores e por intermedio destes, entre as crianças, a benemerita campanha pelo reflorestamento do Brasil.

Lemos ha tempos que quando o celebre testamenteiro de Jérôme Coignard, o notavel francez Anatole France nos visitou, não lhe faltaram homenagens diversas, banquetes etc. A indifferença, porém, com que eram recebidas, pelo illustre hospede, todas as festas em sua honra, já impressionava desagradavelmente, quando alguem se lembrou de offerecer-lhe um passeio campestre, lá pelas bandas da Cantareira. Até ao

Horto Florestal não tinha ainda a comitiva do illustre visitante conseguido mudar-lhe a attitude de indifferentismo. Quando, porém, começou a serpentear por entre as mattas, o semblante de Anatole inundou-se de alegria e elle sorria e exclamava: "Isto, sim, é que lá não temos! Eu não quero vêr edificios; estou farto de architectura que vulgarizou e tornou desinteressante todas as cidades do mundo. Eu quero vêr arvores... arvores... um pedaço de matta virgem dentro do próprio coração da cidade!"

E era justa a sua queixa, e era sincera a sua satisfação!

Os homens, no doido afan de semear cidades, vão devastando sem piedade as nossas mattas, esquecendo-se "do papel que as florestas desempenham na economia moral e physica dos povos." Em seu cerebro, onde a cultura já lhes permittiu chegar até ás nuvens e navegar sob as aguas, infelizmente ainda não penetraram aquellas acertadas palavras com que alguém exclamou: "Todos os povos terão que morrer, quando morrerem as suas florestas."

Apesar da grande cultura physica, moral e intellectual do jovem povo deste paiz tão novo, elle se esqueceu de que "plantar arvores é plantar em terra a bandeira verde da nossa futura victoria economica. Cada arvore que espalma sua coma ao vento, é um pendão de desafio á penuria e á miseria."

A verdade é que os homens, depois que construíram suas casas, queimam as arvores para fazer carvão. Elles não vêem o futuro negro que nos aguarda e não querem enxergar na mudança do nosso clima e na secca que nos ameaça, as trevas, a paralização dos bondes, o fechamento das fabricas, a fome, as greves etc.; que todos esses horrores são oriundos da devastação de nossas florestas. Zombam das calamidades terriveis que nos ameaçam, achando que só os poetas as prophetizam, só elles as enxergam com os olhos de sua alma sonhadora. Não se lembram elles que o grande embaixador inglez — Talleyrand — quando visitou os E. Unidos, deu á poderosa nação norte-americana o seguinte famoso e salutar conselho: "Plantem, dizia elle ao povo, cereaes nas planicies, arvores frutiferas nas alturas médias e reservem os cimos dos terrenos para a matta *protectora das*

aguas.” E o grande Talleyrand, não era poeta, não era um sentimental. Também o valoroso general Pershing, o bravo commandante em chefe das forças americanas na Europa, quando ha pouco nos visitou, disse: “Os povos da America não pensam num futuro proximo ao deixarem sem defesa as suas reservas florestaes.” E o grande guerreiro não é um glosador de arvores.

Não é bastante o professor ensinar na escola ás crianças que não maltratam as arvores. Não é bastante a “Festa das Arvores,” que todos os annos se realiza em nossos estabelecimentos de educação. Precisamos ir além. Ensinemos as crianças a plantar uma arvore, intensifiquemos o ensino da silvicultura. Instituíamos, sem demora, o Codigo florestal. “Devastar o sertão, sem cogitar do Brasil futuro, é uma agonia antecipada.”

Para traz, pois! Nem mais um golpe mortal contra o “exercito verde, que caminha pelos sertões,” como affirma Shakespeare. “Defendamos as arvores, defendendo as reservas da nossa fortuna.”

“Cavemos a terra, plantemos nossa arvore.”

PHASE PREPARATORIA DA LEITURA ANALYTICA

Quando uma criança entra para a escola primaria, leva em sua memoria, imagens de coisas observadas no mundo exterior.

Essas imagens formulam em seu espirito diversas idéas que, relacionadas entre si, constituem o pensamento.

Toda criança encontra alguma difficuldade em associar seus pensamentos com as palavras faladas, isto é, manifestar oralmente suas idéas.

Ao iniciar o ensino de leitura a uma classe de primeira matricula, o principal trabalho do professor, consiste no seguinte: observar, rigorosamente, o cabedal de idéas que os alumnos trouxeram do mundo exterior e conduzil-os a manifestar seus pensamentos por meio de sentenças oraes.

Este passo será processuado em fórmula de palestras entre professor e alumnos, constituindo o auto-estudo destes.

Nestas palestras o professor deverá aceitar sempre o estylo natural da criança, isto é, o seu modo proprio de exprimir oralmente o pensamento.

Si, no entanto, o professor deixar de seguir este precioso requisito pedagogico, obrigará o alumno a um arduo trabalho mental, constituído pelas respostas exigidas por sentenças completas, correcção de certos vicios de linguagem etc. . .

Todas essas imperfeições serão corrigidas mais tarde, isto é, no acto da alliança da sentença oral com a sentença escrita, porém, dum modo natural e pedagogico, sem obrigar o educando ao esforço de memorização.

A importancia da phase preparatoria, constituida pelas palestras-expostas, é facil e claramente demonstravel, porque:

1.º Desembaraça as crianças do acanhamento natural que trazem de seus lares, especialmente as que residem nas zonas ruraes, e as torna conscientes de seus actos mais communs e de suas posições relativas á sociedade.

2.º Torna o professor sciente do grau de capacidade de cada alumno, habilitando-o a apreciar, directa e naturalmente as differenças e semelhanças existentes entre todas as crianças.

Finalmente, enriquece o vocabulario dos alumnos recém-matriculados, base primordial para se ministrar o ensino de leitura pelo methodo analytico.

E' uma questão de indiscutivel valor que um professor nunca deverá exigir de seus alumnos expressões oraes sem qualquer relação das idéas que ellas exprimem.

Essas idéas poderão sêr relacionadas com palavras, pelos seguintes meios:

1.º Pelos sentidos, isto é, vendo, tocando etc. os objectos.

2.º) Por meio de estampas e desenhos dos objectos que não possam sêr apresentados directamente aos alumnos.

Depois que as crianças souberem associar a um certo numero de objectos as palavras oraes, isto é, aprenderem um sufficiente numero de vocabulos, poderá o professor iniciar o

ensino da leitura, que consiste na associação da palavra escrita, recordando a idéa constituída pela palavra oral. As palavras, primeiramente, só poderão sêr estudadas, reunidas em sentenças, constituindo a primeira phase do ensino da leitura analytica.

A segunda phase, consiste na analyse dos differentes elementos das palavras.

Com estas ligeiras considerações, tentei demonstrar a grande importancia da phase preparatoria da leitura analytica.

EVILASIO A. DE SOUZA.

O ESTUDO DA GEOGRAPHIA

Não raro o estudo da Geographia torna-se enfadonho e aborrecido.

Sem falar da simples enumeração de cabos, ilhas, portos, cidades, população, commercio etc., o proprio emprego dos taboleiros, os desenhos no quadro-negro, os mappas etc., nem sempre despertam tanto o interesse, como outras coisas que nos rodeiam e que lembram a Geographia.

Com effeito, os objectos que usamos, a alimentação, o vestuario, as vias de communicacão, os meios de transporte, a cidade ou a roça onde vivemos etc., tudo isso é assumpto, tudo é objecto da Geographia.

Nesta disciplina tem o professor vasto campo para a cultura intellectual dos alumnos, convidando-os, por exemplo, a examinar o caminho que percorrem ao virem para a escola; a observar tudo que os rodeia etc.

Como auxilio do ensino, nada mais util do que o processo das viagens simuladas.

Qual a criança que não deseja viajar? Porque não nos servimos desse processo para desenvolver o estudo?

Supponhamos a classe toda passeando aqui na Capital, dum bairro a outro; em seguida, duma a outra cidade; depois, dum Estado a outro Estado; e afinal, do nosso paiz ao estrangeiro,

e nessas viagens coordenando factos, lembrando acontecimentos, observando as estradas, os rios, os portos, o movimento, o governo, os costumes, a vida emfim.

Para estimular a classe poder-se-ia distribuir certos empregos entre os alumnos. Estes seriam préviamente designados pelos nomes de: *bilheteiros*, *guias*, *relatores*, ou quaesquer outras denominações.

O *bilheteiro*, encarregado de fornecer as passagens, distribuiria umas tiras de papel tendo emcima o nome do alumno, o dia da viagem e a direcção determinada.

O *guia*, assim como todos os alumnos, avisados da viagem a realizar-se, faria tanto quanto possível essa excursão imaginaria, tomando nota de tudo que observasse no percurso.

Os *relatores*, após a lição oral, encheriam a tira do bilhete com suas reflexões pessoasas, relatando o que mais apreciaram.

No estudo da Geographia, é ainda util o mestre proporcionar aos alumnos não só livros para consultas (si já são adeantados) como revistas diversas, plantas das cidades e, com o tempo, atlas dignos de confiança, mappas modernos, globo etc.

Feliz a classe que pudesse obter um *cinema geographico*!





LITTERATURA INFANTIL

HONRAS DE GENERAL

Era tão meigo o pequeno Luiz, muito gordinho, côr morena, corado, physionomia sempre risonha, grandes olhos dum bellissimo castanho-claro, bondoso e obediente em extremo.

Vivo, muito alegre, era o encanto dos paes, dos irmãozinhos, e querido de todos, inclusive dos famulos, pois tinha elle um genio accessivel, tão raro em sua tenra idade, seis annos apenas.

Uma tarde, sim, foi numa tarde, descera elle de bonde em companhia de seu papae. Ia a um passeio e, ao passarem em frente dum quartel, a respectiva guarda, composta de dez ou oito soldados, perfilou-se toda, e apresentou armas. O pequeno Luiz, que tudo aquillo observava com curiosa attenção, perguntou ao pae por que os soldados assim procediam — e o pae explicou-lhe que ia ali um general, e que estes têm honras como taes.

O pequeno Luiz, ouvindo attentamente a explicação dada, voltara-se para o pae:

— Papae, eu quizera sêr um general para os soldados assim fazerem quando eu passar...

O pae, afagando o filhinho querido, respondeu-lhe:

— Pois, meu filho, pódes ainda sêr um grande general; pódes ainda um dia receber homenagens como essas!

.....
Ao amanhecer duma quarta-feira, o pequeno Luiz, o *Gijo*, como lhe chamavam em familia, appareceu adoentado, presa de gravissima enfermidade, enfermidade impiedosa que zombava de todos os cuidados do seu medico, amigo e padrinho, dos desvélos de seus paes, irmãos, de todos enfim...

E nove dias após, tendo soffrido, com uma resignação que só os justos e escolhidos de Deus sabem ter, resignação nunca vista em tal idade, todas as torturas a que os cuidados medicos

o obrigavam, beijando com fervor um sagrado rosario, querida reliquia de sua santa mãe, augmentava com mais uma unidade as fileiras angelicaes da côrte celestial...

No dia seguinte, á tarde, eram tantas as flôres que o acompanhavam, que parecia elle já a caminho do Céu, e, ao passar a carruagem que conduzia o seu debil corpinho hirto e regelado, em frente daquelle mesmo quartel, a guarda, que certamente por acaso se achava á entrada, perfilou-se como é de costume entre militares e apresentou armas...

E foi assim que o pequeno Luiz, a caminho de sua ultima morada, recebera, depois de morto, o que em vida tanto almejava: *as honras de general*.

OS CYSNES

Era um manso casal de cysnes de alvas plumas,
Que, outrora, ao lago azul dava sereno encanto,
E era vê-lo a vogar, entre juncaes e espumas,
Enchendo de esplendor o placido recanto.

Mas, um dia presago e de cinereas brumas,
Rolaram pelo ambiente as estancias de um canto...
Ecoaram pela Terra e Céu em fóra e, algumas
Tinham a entonação dolorosa de um pranto.

E' que no lago azul, em plena soledade,
Um do manso casal de alvos cysnes morria
E, ao morrer, soluçava a nenia da saudade.

Dahi por diante, evoca um bem que não existe
O cysne que escutou os threnos de agonia,
Perdidamente langue e esbeltamente triste!

CESAR GODOY.

FELICIDADE

Certo rei tinha um filho a quem muito estimava e a quem tudo dava para torná-lo feliz.

Professores eruditos e incansáveis, companheiros divertidos, lindos aposentos, garbosos cavallos, um sem numero de divertimentos, enfim, tudo quanto o dinheiro podia comprar ou o talento inventar para fazer a felicidade do principe, mas apesar de tudo isto o jovem vivia triste, infeliz.

De sobrolho carregado, estava sempre desejando algum impossivel.

Um dia veio á côrte um magico. Vendo a tristeza estampada no rosto do principe, disse ao rei:

— “Senhor, eu posso tornar vosso filho feliz; posso transformar suas carrancas em sorrisos.”

— “Consiga isto, e dar-lhe-ei o que quizer.”

O magico escreveu com uma substancia branca, alguma coisa numa folha de papel e entregando-a ao principe, falou-lhe:

“Ponha uma vela accessa por traz deste papel, leia o que nelle está escrito e faça o que ahi estiver indicado, e será sempre feliz.”

Collocada a vela atraz do papel, as letras nelle escritas tornaram-se bem visiveis, e o principe leu: “Uma boa acção cada dia; não deixe que se passe um só dia sem proporcionar alegria a alguém.”

O principe seguiu o conselho e tornou-se o rapaz mais feliz de todo o reino. Aprendeu que a verdadeira felicidade consiste em fazer os outros felizes.

Quem prazer dá, alegria recebe.



OS DOIS REGATOS

Longe, bem longe daqui, no seio daquella alta montanha, ha um pequeno lago, cujas aguas tranquillias não se cansam de reflectir o azul do céu infinito.

Silenciosamente, passam sobre a montanha nuvens brancas e mansas que se espelham naquellas azuladas e mansas aguas.

Mãe carinhosa, a montanha prende o lago ao seu seio e lhe diz: "Tanta coisa quiz eu fazer para ajudar o mundo, e não o fiz! Estou velha; minhas articulações rijas não me permitem mais fazer o que desejava! . . . Mas, tu, meu filho, irás pelas campinas e valles distribuindo boas acções, grandes beneficios."

Então, nasceu do lago um regatozinho. Pelas frestas das rochas escarpadas foi descendo aos poucos.

Ao sopro da brisa derreteu-se a neve da montanha e veio juntar-se ao regato; a chuva engrossava-lhe as aguas. E elle correndo sempre.

Chega o estio. Seccam-se as fontes. O gado morre a sede. As folhas dos cereaes enrolam-se crestadas pelo sol ardente.

Mas, todas as noites novas nuvens amontoam-se sobre a montanha, e enquanto os habitantes das planicies clamam pela falta de agua, gotas de orvalho caindo das folhas humedecem os musgos e infiltram-se no regato.

Assim, elle não cessa de correr, descendo, barulhento, até á planicie. Claras, frescas e saudaveis são as aguas. Nellas multiplicam-se os peixes; vigorosa e exuberante é a vegetação ás suas margens; deleitam-se os passaros no frescor de suas aguas e depois, pousados nos galhos pendentes, traduzem em doces gorgeios a sua gratidão. Vaccas e carneiros vêm nelle se abeberar; crianças garrulas, aos bandos, ali enchem os seus baldes.

A' medida que corre, vae o regato crescendo.

Os habitantes das suas margens tiram-lhe das aguas força, energia. Illuminam-se as cidades, movimentam-se os moinhos e fabricas. Suas margens são bem cuidadas; suas aguas são puras.

Aos estranhos que passam, os habitantes se orgulham de o mostrar e dizer: "Vejam o nosso rio, tão limpo e crystallino! Suas aguas nos dão saúde e conforto."

Assim passa este rio a vida ajudando a todos, alegrando a todos, até que desaparece na vastidão do mar.

.

Na mesma montanha nasce um outro regato. A neve, a chuva e o orvalho favorecem-n-o do mesmo modo. Brilha ao sol o seu tenue fio deslizando de pedra em pedra pela montanha abaixo. Iniciou sua vida tão apto para alegrar e auxiliar, como seu irmão.

Mas, ah! . . . os habitantes dos sitios que percorre, não o souberam apreciar. Continúam bebendo das cisternas, rejeitando as suas aguas crystallinas; a sua força motriz é desperdiçada; no seu leito e nas suas ferteis margens é atirada toda a sorte de lixo.

As crianças ahi não brincam; os passaros não o procuram; os peixes de ha muito o abandonaram; vegetação putrida amontoa-se nas suas margens.

E o regato, que nasceu na montanha tão limpo, tão claro, está completamente transformado.

Cada aldeia por onde passa nada vê nelle de bom, e dá-lhe o peór que possúe.

Agora, rio caudaloso, chega á cidade. A aragem que beija a sua superficie tornou-se infecta; ninguem póde delectar-se ás suas margens. Algumas pessoas bebem da sua agua por falta doutra, mas adoecem logo.

Ah! si este regato pudesse falar, diria: "Onde estão aquellas puras e crystallinas aguas com que parti da montanha?! Queria sêr util e sou prejudicial; queria dar saúde e trago enfermidades. Oh! porque foi que pessoas más ou insensatas tornaram-me tão immundo?"

.

Crianças! Nossa vida deve sêr como a do limpo regato, que não recebeu impurezas no seu curso. Os bons pensamentos, as boas palavras, acções e companhias a tornam pura, serviçal e util.

— • —

NA ROÇA

Lá vem o dia apontando...
Que afan! Já todos de pé!
— Ruidosos, tagarelando,
Vão os colonos em bando,
Para os talhões de café...

E á luz do sol que amanhece,
Por montes, por barrocaes,
— Por toda a parte esplendece,
Com sua esplendida messe,
O verde dos cafezaes...

Começa o rude trabalho.
Que faina honrada e feliz!
Ainda humidos de orvalho,
Flammejam, em cada galho,
Os bagos como rubis.

Trabalham... Que ardor de mouro!
Todos *derriçam* café!...
Parece um rubro thesouro,
Que cae, numa chuva de ouro,
Das ramas de cada pé.

E ao meio dia, aos ardores
Do alto sol canicular,
Os rudes trabalhadores,
Ao longo dos carregadores,
Põem-se todos a cantar...

Pela dormencia dos ares,
Sob estes céos côr de anil,
Cantam canções populares,
Que lá, dos seus velhos mares,
Trouxeram para o Brasil.

Aqui, um forte italiano,
Queimado ao sol do Equador,
Solta aos ventos, bello e ufano,
Num timbre napolitano,
A sua voz de tenor . . .

Ha uma terna singeleza
Nas trovas que um outro diz;
Um rapagão de Veneza
Tem no seu canto a tristeza
Das aguas do seu paiz . . .

E uma sanguinea hespanhola,
Cheia de graça e de luz,
Em baixa voz cantarola
Uns quebros de barcarola
Do trovador andaluz.

Que cantem! . . . Essa cantiga
Brotada do coração,
Seja a prece que bemdiga
A terra que hoje os abriga,
A Patria que lhes dá pão!

PAULO SETUBAL.

O JARDIM DA VOVÓ

VIII

— Vovó, perguntou Lulú, que passaro será esse, de canto tão esquisito: *gluc, gluc, gluc!*?

— Não é passaro, meu amor. Espie devagarinho, por traz desta moita, ali naquelle recanto, onde as aguas parecem parar para descansar um pouco.

— E' um enorme sapo! Que barulho elle faz! Que estará elle querendo dizer?

— Está conversando com o neto, encolhidinho debaixo daquella pedra; está lhe contando historias dos tempos passados.

— Ah! si eu pudesse entendel-os!

— Eu vou repetir o que o sapo está dizendo:

“Sapinho, meu neto, querido, hoje, porque você foi bom-zinho, vou contar-lhe uma historia que tem sido repetida na nossa familia durante muitas gerações.

Eu a ouvi de meu pae, contei-a ao seu, e quero repetil-a a vcoê.

Ha muitos, muitos annos, grande parte da superficie da terra era coberta de pantanos. Bons tempos eram aquelles! Nos pantanos viviamos felizes: havia pouca gente para nos perturbar a existencia. Os meninos de então não sabiam jogar pedradas, nem nos atormentar, nos affligir. As arvores eram enormes, as plantas tinham muito mais viço que hoje. Nós mesmos eramos maiores, eramos gigantes, póde-se dizer.

Hoje em dia, ainda que o nosso orgulho de familia seja o mesmo, diminuimos em tamanho.”

Seguiu-se um longo silencio interrompido pelo sapinho:

— Continúe, vovô. Porque você parou? Estou impaciente por ouvir o resto. Não póde haver melhor lugar que este onde vivemos agora; eu pelo menos não conheço.

— Criança inexperiente, coaxou o vovô, pouco conhece você o mundo!

E o sapo continuou:

“Durante annos e annos, viveu nossa familia socegada, até que sobreveiu um terrivel terremoto. A agua do mar começou a invadir o lugar em que viviamos felizes. As arvores e as plantas deixaram de medrar.

Resolveram meus avós mudar de residencia. E em boa hora, pois conforme lhes contou um bacalhau, que depois andou explorando aquellas regiões, nada ahi ficou sinão agua salgada e areia.

Passados muitos annos veiu noticia de outro terremoto naquelle mesmo lugar. A agua do mar desapareceu, e de novo,

como por encanto, surgiu nova vegetação. Mas, as arvores não eram grandes como as doutr'ora.

Logo mais começaram os homens a povoar estes logares. Construíram habitações esquisitas..."

— Que lhe aconteceu, vovô? Porque ficou triste? interrompeu o sapinho.

— Ah! meu netinho!... A gente ouve contar tanta coisa hoje em dia! Ainda hontem me disseram que os homens andam por lá cavando o sólo, d'elle retirando pedaços de arvores velhas, troncos dos gigantes soterrados. Chamam *carvão* a esses restos vegetaes.

— Mas, como foi que as arvores se transformaram em carvão?

— O calor da terra queimou-as, e camadas e camadas de areia pesada comprimiram-n-as em massa dura e preta.

— Mas, porque é que isto o entristece? Eu acho muito bom, muito util o carvão! Que faria a humanidade sem carvão para queimar?

Assim dizendo, o sapinho deu um pulo na agua e sahio nadando.

ROBERTO FULTON

Mais ou menos na epoca em que James Watt estava ainda aperfeigoando sua machina a vapor, procurando fazer reconhecer a importancia da mesma, nasceu nos Estados-Unidos Roberto Fulton.

Este rapaz estava destinado a fazer das machinas a vapor uma applicação que iria revolucionar os meios de transporte, abrir os portos longinquos ao commercio universal.

Fulton, que construiu o primeiro navio a vapor, era filho mais moço duma modesta familia residente em Little Britan, Pensylvania. Desde criança revelou sempre muita inclinação pela mecanica.

Conta-se que, quando bem pequeno ainda, ia com outro companheiro num bóte, mar afóra, ajudar a um pescador. Era obri-

gação dos meninos remarem enquanto o pescador se occupava das rêdes. O trabalho era pesado e os meninos se cansavam muito. Fulton applicou ao barco uma invenção que facilitava o serviço. Foi talvez dessa invenção que nasceu o leme dos navios.

Fulton foi mais tarde com um parente artista, á Inglaterra, onde durante annos ganhou a vida pintando.

Quando na Inglaterra, interessou-se pelo problema do transporte de carvão das minas ás cidades e ás fabricas. Começou melhorando o systema dos canaes e aperfeiçoando os instrumentos dos mineiros.

Estudou, especializando-se em sciencias, sendo reconhecido engenheiro, em 1795.

Logo depois foi a Paris onde permaneceu sete annos. Durante esse tempo fez diversas tentativas na applicação da machina a vapor aos navios, e estava constantemente em communicação com Jorge Watt, na Inglaterra.

Em 1803, com um navio de pequenas dimensões, no Rio Sena, em Paris, fez a sua primeira experiencia. O navio fez uma curta travessia, mas não sendo forte bastante para conduzir a machina, partiu-se e naufragou.

Fulton estava convencido de que a sua invenção era realizavel. Quiz induzir o governo francez a interessar-se por ella mas, não o conseguindo, voltou aos Estados-Unidos tres annos mais tarde.

Com muito custo, obteve do governo inglez licença, para levar aos Estados-Unidos uma das machinas de Watt. Construiu em 1807 com ella o primeiro navio a vapor o "Clermont."

Levantou ferros em Nova York, indo até Albany pelo rio Hudson. A viagem foi um successo. Estava descoberta a navegação a vapor.

Fulton escreveu varios livros scientificos e tornou-se muito popular.

SADIO EU SOU ...

(1 ANNO)

Sadio eu sou,
E com razão,
Pois gosto d'agua,
E do sabão.

Doença em casa
Eu não receio,
Com tão bom ar
E tanto asseio.

Si quer saúde,
Força também,
Nunca se esqueça:
Mastigue bem.

Coisa excellente
Quando dormir:
Sempre a janella
Do quarto abrir.

Sadio eu sou,
E com razão,
Pois gosto d'agua
E do sabão ...

ANTONIETA PANTOJA DE MORAES.

A "FESTA DAS AVES"

Estão reunidas varias meninas: — Baby, Annita, Aurora, Esmeralda, Nair, Carlota, Alice etc. Giram, dando-se as mãos e cantam:

"Ciranda, Cirandinha,
Vamos todos cirandar;
Vamos dar a meia volta,
A volta inteira vamos dar."

Esmeralda

Baby, aproxima-se lentamente, lendo, em voz baixa, um papel que tem nas mãos.

As outras a convidam, em côro, para tomar parte no folguedo.

— Venha brincar, Baby, venha! Venha! X

Esmeralda

BABY. — Não, não posso. Tenho que decorar uma poesia para a "Festa das aves." Minha professora deu-m'a, hoje mesmo... Ih!... vocês nem imaginam: é uma poesia muito longa, mas tão longa, que eu nem sei si ella caberá inteirinha nesta pobre cachóla!...

ANNITA. — Quando é a festa?

maelir

AURORA. — Será bonita?

ESMERALDA. — Para que fazer essa tal "Festa das aves?"

NAIR. — A gente vae de vestido branco?

CARLOTA. — As alumnas são obrigadas a ir á festa?

Esmeralda

BABY. — Vocês pensam que eu, por ser alumna do 4.º anno, sou uma especie de *Doutor Sabe-Tudo*?! Irra!... quasi me deixam louca com tantas perguntas!... Em todo o caso, vou responder algumas, deixando de lado apenas as que se referem a sapatos ou a vestidos brancos, azues ou amarelllos, pois não cogito dessas futilidades.

A "Festa das aves" é realizada em abril, em todos os grupos-escolares do nosso progressista e querido Estado de S. Paulo.

Este anno, no nosso grupo-escolar vae sêr muito bonita, com muitos recitativos, hymnos patrioticos e canticos referentes ao acto, entre flôres e vivas, com enthusiasmo e, sobretudo, no meio da maior e da mais franca alegria da criançada. E é preciso

que assim seja, para que aprendamos a amar as aves, estes sêres tão uteis quão innocentes, aos quaes devemos proteger por todos os meios ao nosso alcance, e não proceder como os ignorantes, que destróem esse thesouro precioso com que nos dotou a natureza, sempre pródiga e bemfazeja. ✕

Nada ANNITA. — Tenho, collegas, uma idéa.

TODAS. — Qual é? Qual é?

✕ ANNITA. — Vamos fazer uma especie de escola, e cada uma de nós citará alguma utilidade das aves, sinão a Baby fica com a goela secca de tanto falar... Será uma especie de sabbatina.

Elvira BABY. — Mas, então aprendam primeiro isto: — as aves são animaes vertebrados, têm o corpo coberto de pennas, têm azas, põem ovos e dividem-se em oito ordens: aves de rapina, passaros, trepadoras, colombinas, gallinaceas, pernaltas, corredoras e palmipedes ou nadadoras. Quasi todas as aves são uteis, mas muito uteis.

ESMERALDA. — Foi bom você explicar bem isso. Não vá alguém pensar que o morcego é uma ave, apesar de não sêr oviparo, mas sim mamífero e não ter pennas...

✓ ANNITA. — Vamos, então, á lição sobre utilidade das aves.

NAIR. — Eu já sei uma. A gente come carne de muitas aves, como a gallinha, o perú, o pato, e muitas outras. Ah! como eu sou louca por uma canja de gallinha!...

CARLOTA. — E os óvos? A gente póde tomal-os quentes; delles tambem se faz fritada...

ANNITA. — Mamãe diz *omelette*.

Elvira BABY. — *Fritada* é bom portuguez. Deixemos de termos estrangeiros, que só servem para afeiari nosso lindo idioma.

ALICE. — Oh! com os óvos se fazem excellentes doces. Sem elles, nós não lamberíamos os beijos com os bons-bocados, as cocadas, as mães-bentas e mil outros quitutes...

ANNITA. — As empadinhas tambem levam óvos...

✕ BABY. — Mas, vocês se esquecem do mais importante. A professora já nos ensinou que as aves, e principalmente os pas-

saros, comem os bichinhos que estragam as plantas e causam colossaes prejuizos aos lavradores, bichinhos que até são capazes de gerar doenças.

AURORA. — Nem fale em doenças! Tenho tanto medo da *hespanhola*, e os doutores dizem que é um bichinho o causador dessa terrivel molestia.

NAIR. — E não haverá um passaro que devore esse malvadinho?

AURORA. — Acho que não, pois o talzinho é invizível...

ESMERALDA. — Vocês estão se esquecendo das pennas.

YANNITA. — Ah! Com as pennas enfeitam-se os chapéos, e eu, quando ficar moça, hei de andar com chapéos bem cheios de pennas lindas, de plumagens caras...

X BABY. — Não é isso, bobinha! Isso não é utilidade. Não se deve usar chapéos enfeitados com passaros ou com pennas das pobres avezinhas. As pennas servem, sim, mas é para colchões, para almofadas, para travesseiros.

CARLOTA. — Outra coisa: os passarinhos nos encantam com sua voz melodiosa. E quem ha que não se sinta agradavelmente impressionado, ao ouvir essa doce musica que sáe de tão privilegiadas gargantas? Quem ha que não aprecie tão meigos artistas — esses cantores das magias da natureza?

NAIR. — Oh! lá no sitio de meu tio, de manhanzinha, é lindo ouvir as avezitas a gorjear: sabiás, canarios, pintasilgos, uma multidão de aves canoras, de bellos passarinhos irrequietos! Que orchestra encantadora!

X BABY. — Bem. Então, já sabem: as aves são uteis, muito uteis e devemos amal-as e protegel-as, por todos os meios.

ANNITA. — Ainda uma coisa: devemos ensinar isso tudo aos nossos irmãos, para que não andem a matar as pobrezinhas com pedras, a caçal-as com alcapões ou a tirar-lhes os ninhos.

TODAS. — Sim, sim. Havemos de convencer os damnadinhos, os peraltas.

ESMERALDA. — Agora, cantemos todas juntas. (Cantam e giram dando-se as mãos.)

“Nos bosques virentes,
Gentis passarinhos,
Felizes, contentes,
Preparam seus ninhos:
Trá lá, lá, lá etc.
Por entre os verdores
De espesso arvoredor,
Em leves rumores,
Saltitam, sem medo.
Trá, lá, lá, lá etc.
E, findo o trabalho,
Têm os passarinhos
O doce agasalho
Dos tépidos ninhos.
Trá, lá, lá, lá etc.”

ERNESTINO LOPES.





METHODOLOGIA

PROCESSO EDUCATIVO

OBJECTIVO ENCONTRADO NA NATUREZA DA VIDA

(A. TOMPKINS. — Trad.)

(Continuação)

Quer physica, quer espiritual, a vida é uma evolução. Póde haver evolução sem vida, mas não póde haver vida sem evolução. A evolução é um curso definido desde uma idéa até sua realização, curso analogo ás evoluções mecanicas nas coisas creadas pelo homem. Tudo o que é feito pelo homem existe primeiro em idéa e mais tarde em realidade objectiva. A "Ponte Brooklin" foi primeiramente uma idéa seguida duma série de mudanças que a transformaram em realidade. Tudo quanto o homem tem realizado, partiu do subjectivo ao objectivo — do ideal ao real.

Ha uma evolução semelhante na vida vegetal. A vida no carvalho, por exemplo, consiste numa série de transformações pelas quaes o carvalho virtual torna-se o carvalho verdadeiro. As mudanças da idéa á realidade objectiva no mundo mecanico, são produzidas por uma força exterior ao objecto em evolução. Forças e aparelhos estranhos desenvolveram em realidade objectiva a idéa "Ponte Brooklin." Mas a força que tende á realização do carvalho, está no proprio embrião.

Condições estranhas precisam favorecerem-a, mas o carvalho desempenha uma parte activa na sua propria realização. A força vital arrebenta a bolota, ascende e descende lutando embaixo com a terra e emcima enfrentando a tormenta, até que se torne a força e majestade que eram apenas virtuaes no inicio. O grão de milho, opprimido pela casca e pelo torrão, esforça-

se, torce-se e volta-se, até que finalmente, com dificuldade, sae ao ar e á luz solar. Depois de um dia de agradável brinquedo com o vento do estio, verga-se ao peso da opulencia dos frutos que estava destinado a produzir.

Este impulso proprio á planta é desconhecido no mundo mecanico. Si bem que em ambos haja uma transição da idéa á sua realização, todavia a força na transição mecanica é estranha áquillo que é transformado; ao passo que numa transformação vital, a força está no proprio objecto que se transforma — uma luta cega comsigo mesmo para a realização da sua natureza intima, do seu verdadeiro sêr. Dá-se o mesmo com a vida animal. Desde que á simples força vital no animal, seja addicionado o instincto, para o fim que vamos illustrar, basta notar apenas que o impulso que produz a evolução chamada vida, existe no proprio objecto que se evolue.

O passarinho de asas cansadas, fórra o seu ninho e pacientemente choca os seus óvos, ao passo que “o coração no seu mudo peito pulsa e canta,” na fé cega de conseguir aquillo para que foi destinado. Ha sempre alguma coisa que o anima. A aguia desconhece a razão porque, mas laboriosamente sóbe, e amofina-se, si acorrentada á terra tem que alimentar-se de presa indigna.

Onde quer que haja vida animal ou vegetal, existe uma força que impelle exterior e superiormente, lutando com tudo quanto se achar entre o objecto vivo e a realização da sua natureza verdadeira.

Em dado momento, as coisas vivas têm em si a natureza de destruir o actual estado do objecto. O objecto acha-se em contradicção comsigo mesmo. O seu verdadeiro sêr actual é uma escravidão do seu futuro sêr ideal. Todavia, o ideal não poderia erguer-se a não sêr pelo apoio do real.

Até onde se estende, a vida physica é um modelo apropriado da vida espirital; predil-a; é a prophecia duma vida mais elevada. O desenvolvimento espirital tambem é uma série de evoluções desde o ideal até á sua realização; e, ainda, a alma tem

em si mesma seu proprio impulso á realização de si mesma. Desenvolvimento espiritual é um processo de evolução sob a força innata da propria alma. Como no mundo physico, o possivel impelle o real e desloca-o com uma phase de existencia mais elevada. A vida espiritual é uma luta, um impulso á realização propria. Não ha alma que seja impellida pelo instincto do seu destino; é a sua propria prophesia e o seu proprio desempenho.





EDUCAÇÃO PHYSICA

JÓGOS ESCOLARES

PERDI MEU GATO

As crianças, formando circulo, são os *gatos*. Uma, por fóra, está procurando o *gato*, que perdeu. Anda ao redór, dizendo: *Perdi meu gato. Perdi meu gato*. Pára atraz de qualquer companheira na qual tóca, dizendo: *Achei meu gato*.

Correm então as duas ao redór do circulo, em sentidos oppostos. Aquella que primeiro chegar ao lugar desoccupado, está salva. A outra irá procurar o *gato* na seguinte vez.

*
**

NUMEROS

Formando circulo, numeram-se os alumnos.

Um vae ao centro. Póde ter os olhos vendados ou não. Menciona dois numeros do circulo. Os alumnos que receberam estes numeros, trocam immediatamente de lugar.

O centro procurará entrar num dos logares desoccupados pela tróca. Si o conseguir, aquelle que perdeu o lugar ficará no centro e gritará outros dois numeros.

O centro poderá, quando quizer, gritar: *Mudança geral!* Então, todos precisarão mudar de lugar.

VARIAÇÃO. — Poderá haver dois jogadores no centro, cada qual gritando dois numeros.

*
**

VENENO

Uns oito ou dez alumnos formarão circulo ao redór dum objecto qualquer, ou grupo de objectos. Esse objecto é o *veneno*.

Os jogadores, dando-se as mãos, procuram, empurrando-se, conseguir que um delles toque no *veneno*. Quem o tocar, *envenenou-se* e precisa sair do circulo.

*
**

CHINELA

Os alumnos fórmam ródá ficando bem perto uns dos outros. Um fica no centro. Os da ródá, com as mãos atraz, passam de uns a outros uma chinela.

De vez em quando, um bate com a chinela, ligeiramente, nas costas do *centro*. Isto precisa sêr feito muito depressa e a chinela sêr passada immediatamente. Si o *centro* consegue perceber com quem está a chinela, a pessoa com a chinela irá para o centro.

Um jornal dobrado varias vezes tambem servirá, em vez de chinela.

*
**

JOGO DAS COLHERES

Fórmam ródá todos os jogadores menos um que, de olhos vendados, fica no centro, tendo nas mãos duas colheres.

Os da ródá vão girando até que o do centro bata as colheres, uma contra a outra. Param todos immediatamente e o do centro aponta com uma das colheres a um qualquer da ródá. Este aproxima-se e o *centro* procura identifical-o passando-lhe a colher sobre a cabeça. Si depois de duas ou mais tentativas (conforme combinação anterior) não acertar, volta o apontado para a ródá. Si acertar, trocará de logar com o alumno apontado.

*
**

COBRA NO CAPIM

Um lenço ou panno tendo um nó, servirá de *cobra*.

Os alumnos sentam-se, de preferencia na grama, formando rôda. Um fica de pé, no centro.

Os da rôda jogam a *cobra* de uns a outros e o *centro* tem de tocar em alguem que estiver com a *cobra* na mão.

Si a *cobra* cair no chão, o *centro* não deve tocal-a, mas sim na pessoa que a erguer ou a tocar. Acontece, ás vezes, que quatro ou cinco rodeiam a *cobra* para erguel-a conseguindo fazel-a chegar a um outro jogador, antes que o centro tenha tempo de tocar na pessoa de posse da *cobra*.

*
**

A'S CÉGAS

As crianças fórmam rôda. Uma é escolhida e fica no centro, com os olhos vendados. As outras, de mãos dadas, giram ao redór do circulo, emquanto a do centro conta até dez. Ao contar dez, todas param e o *centro* aproxima-se da rôda, toca num companheiro procurando pelo tacto descobrir quem é. Si adivinhar, a criança tocada passará para o centro.

VARIAÇÃO. — Dá se á criança do centro uma varinha e com esta ella tocará numa das da rôda, que precisa responder a uma pergunta, *miar*, *latir*, *grunhir* etc, para que o *centro*, pela voz, descubra em quem tocou.

*
**

TOURO NA ARENA

Os alumnos que tomarem parte neste jogo devem sêr, mais ou menos, da mesma idade e egual musculatura.

Todos, excepto um, formam uma rôda e seguram bem nas mãos uns dos outros. Um fica no centro da rôda, e é o *touro*.

O *touro* tenta escapar da arena e corre investindo contra as mãos dos da rôda. Si elle conseguir escapar, todos correrão a pegal-o e quem o conseguir será o *touro*, na proxima vez.

*
**

PESCADOR

De mãos dadas, os alumnos fórmam um circulo e dansam ao redór de um que foi escolhido para *pescador* e que fica no centro.

A' medida que dansam, vão cantarolando:

Pescador de sardinhas,
E até jacaré,
E' capaz de pegar-me?
Ora, veja si é!

A' ultima palavra, todos abaixam-se e o *pescador* procura tocar nalgum, antes que tenha tempo de abaixar-se. Aquelle que fôr *pescado*, será então o *pescador*.

*
**

CORRIDA CIRCULAR

Fórmam-se circulos duplos.

A um dado signal, os alumnos do circulo exterior correm todos no mesmo sentido ao redór do circulo interior, podendo alterar a ordem em que estão collocados. Aquelle que primeiro voltar ao seu lugar, ganhará a corrida.

Os alumnos que formavam o circulo interior passam então para fóra e terão occasião de correr tambem. Faz-se depois o desempate entre os dois vencedores.

E' bom modo de apostar corrida quando o espaço é limitado.

*
**

CABRA-CÉGA, EM RÓDA

Toda a róda faz por evitar a *cabra-céga*. Elle fica no centro, e a medida que se aproxima duma parte da róda, esta parte fôge e outra parte aproxima-se. Então, si a *cabra-céga* fôr esperta, virar-se-á e pegará alguém. Este lado da róda por sua vez fará o possivel para evitar que a *cabra-céga* chegue perto. E' preciso conservar sempre a róda completa. Si se desmanchar, quem estiver á esquerda da abertura será a *cabra-céga*.

ESCOTISMO

DA BANDEIRA NACIONAL E DO HYMNO

AS CONTINENCIAS

A bem da uniformidade e para conhecimento de todos os directores de grupos-escolares, escolas normaes e gymnasios do Estado — publicamos, hoje, algumas instrucções sobre a *Bandeira Nacional* e o *Hymno*, de accordo com os regulamentos expedidos á tropa pelo estado-maior do exercito brasileiro.

1.º — A *Bandeira Nacional* nunca se abaterá em continencia para entidade alguma.

Deve sêr hasteada *ao nascer do sol* e arriada *ao pôr do sol*. Nessas occasiões, nas fortalezas, nos quartéis e acampamentos etc., receberá as seguintes continencias:

a) — as guardas formarão e apresentarão armas (ou *batões*) bem como as sentinellas;

b) — os tambores, clarins ou cornetas, tocarão *marcha batida*, e a musica — o *Hymno Nacional*.

2.º — Todos os militares, armados ou desarmados, fazem a continencia á *Bandeira*; do mesmo modo procedem em relação ao *Hymno Nacional*, ao da *Independencia* e ao da *Republica*.

3.º — As sentinellas, bem como qualquer força que esteja em fôrma, *perfilarão armas*, sempre que proximo a ellas executarem as bandas o *Hymno Nacional*, o da *Independencia* e o da *Republica*.

4.º — As bandas só executarão o *Hymno Nacional*, nos dias de festa nacional; e, noutros dias, SÓMENTE em continencia á *Bandeira*, ao *Presidente da Republica*, ao *Supremo Tribunal Federal* e ao *Congresso Nacional*, quando incorporado.

5.º — Por occasião da *alvorada* e nas *retreitas* de 7 de *Setembro*, ou de 15 de *Novembro*, as bandas, em vez do *Hymno*

Nacional, executarão o da *Independencia* e o da *Republica*, respectivamente em cada dia.

6.º — O *Hymno Nacional*, quando tocado em continencia, cessará desde que a autoridade ou corporação se tenha afastado vinte passos.

7.º — Aos governadores dos Estados, ou presidentes, as tropas em parada e guardas deverão apresentar armas, havendo continencias de espada e marcha batida pelos tambores, cornetas e clarins. As bandas *tocarão uma marcha* e não o *Hymno Nacional*. A artilharia dará uma salva de dezenove tiros.

8.º — Uma força *não fará* continencia a qualquer pessoa em presença doutra *a quem pertence continencia superior*; mas, as sentinellas apresentarão armas.

POSIÇÃO DO OFFICIAL COM A BANDEIRA

1.º — O *porta-bandeira*, ou *porta-estandarte*, deve sêr, num *pelotão de escoteiros*, um *sub-chefe*, ou uma *sub-chefe*, escalados, sendo a *guarda da bandeira* enquadraada, neste ultimo caso, por alumnos.

2.º — A *guarda da bandeira* deve compôr-se de 5 *monitores* e um ou uma *sub-chefe*; o *porta-bandeira* ficará no centro da fileira da frente, e trará luvas brancas.

3.º — *Posição inicial. Sentido!*

Nesta posição, o official segura, com a *mão direita* e na *altura do hombro*, a *haste da Bandeira*, conservando-a apoiada no terreno, verticalmente, com o *conto* junto da ponta do pé *direito*, pelo lado exterior. A Bandeira estará colhida por *duas voltas*, que a *mão direita* mantém firmes.

4.º — *Descansar!*

Atira a perna esquerda para a frente, ficando o peso do corpo sobre a direita; conduz a Bandeira á frente, de modo a apoiar o *conto* entre as pontas dos pés; a *mão direita*, com o dedo pollegar pela parte interior e os restantes cingindo a *haste*, ficará na frente do peito; a *mão esquerda* vae assentar sobre a direita.

5.º — *Sentido!*

Une o pé esquerdo ao direito e retira a Bandeira e a mão esquerda á posição inicial.

6.º — *Braço — bastão!*

A esta voz, a Bandeira irá também ao braço, em dois tempos. Por um impulso da mão direita, eleva a *haste*, que a esquerda vae amparar junto ao hombro direito, Introduz com a mão direita o *conto* no *descanso* do *talabarte*; e logo após segura, também com a mão direita, a *haste* na altura do hombro, de modo que o dedo pollegar fique pela parte posterior, em direcção da *lança*, e os restantes cingindo a *haste*. A mão esquerda retira-se ao lado.

7.º — *Apresentar — bastões!*

A esta voz, a Bandeira vae á posição do numero 6.º

8.º — *Em frente — marche!*

A' voz de *marche!* o official leva a Bandeira colhida e inclinada sobre o hombro direito, de modo que o *conto da haste* fique na altura do joelho.

9.º — *Ensarilhar — bastão!*

A esta voz, a Bandeira será collocada no lugar competente, horizontalmente, e apoiada em *duas pyramides de bastões*, ou apoiada em dois sarilhos contiguos.

10.º — O instructor deverá explicar que o *páo da Bandeira* chama-se *haste*; que a *haste*, na extremidade superior, tem a *lança*; e, na inferior, o *conto*.

O *talabarte da Bandeira*, e em cujo descanso se apoia o estandarte, é a peça que se põe a tira-cóllo. O *talabarte* assenta sobre o *hombro esquerdo*, ficando o seu descanso ao lado do *quadril direito*.

11.º — *Nota importante.* Não é qualquer unidade que poderá desfilar com a *Bandeira Nacional*. O effectivo minimo que poderá levar bandeira é o de um *pelotão de escoteiros*, que corresponde a uma *companhia de guerra*, no exercito nacional. *Patrulha, partido, reconhecimento*, do mesmo modo que *esquadra, secção*, ou *pelotão* — não levam bandeira. Havendo bandeira em fôrma, é sempre uma *prova de respeito* fazer-se alinhamento por ella, ou pelo centro, ou pela direita, quando ella está á direita.

12.º — *Modo do pelotão receber a Bandeira.* Estando o pelotão de escoteiros prompto, dividido, numerado, provado, com todos os commandantes de fracções em seus logares — o chefe que o dirige, por passos lateraes, separa a ala direita da esquerda, abrindo o espaço ou intervallo, em que deverá ficar a Bandeira, com a sua guarda.

A Bandeira será recebida com as seguintes formalidades, em qualquer formação em que esteja a tropa.

13.º — *Continencia á Bandeira!*

O official porta-bandeira, que, no exercito, é o secretario da unidade, ou, no seu impedimento, o subalterno mais moderno, acompanhado da guarda, em braço-bastão, leva a Bandeira a trinta metros de frente da tropa, na altura correspondente ao logar que lhe compete na formação e voltado para ella.

Uma vez postado o porta-bandeira, o commandante da unidade que mandára braço-bastão, ao aproximar-se o labaro sagrado, commanda:

— *Em continencia á Bandeira! Apresentar — armas!*

Toda a tropa executa o movimento; a banda de musica toca o *Hymno Nacional* e a dos tambores e corneteiros, ou clarins, a *marcha batida*; os officiaes que não desembainham a espada e as praças sem carabina, fazem a continencia individual.

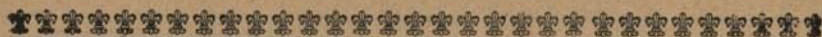
Durante a cerimonia, todos fixam o olhar no *Symbolo da Patria*, que se conserva perfilado e desfraldado.

Terminada a cerimonia, o porta-bandeira avança e entra em fôrma.

Então, o commandante mandará: — *Descansar — armas!*

A Bandeira é retirada de modo identico e com as mesmas formalidades.





O «FOLK-LORE» NAS ESCOLAS

O CAMPO “TÁ QUEIMANO”

Ao fim do mutirão (1) os caboclos se reuniram ao pé da fogueira, contando historias e narrando aventuras doutros tempos e doutras roças.

Entre um trago de *branquinha* (2) e uma baforada de fumo, a fieira de episodios e mentiras da vida roceira se ia estirando, puxada daqui e dali pela fertil imaginativa dos sertanejos. Havia os heróes, caboclos cujas façanhas eram de arrepiar os mais destorcidos “espanta-mêdos” da terra e que a todo instante com os seus “causos,” provocavam *hun-huns* e os *chiiis* (3) dos companheiros. Outros, menos ferteis em historias de valentia, cingiam-se a inventar pilherias e a narrar maravilhas de lendas sobre bichos e passaros, almas doutro mundo e assombrações.

— Sim *sinhô*, depois que o fogo pegou o mato, foi uma festa de labareda — narrava um dos caipiras. O extraordinario é que *quano* chegou na beira do rio, o fogo pulou por cima daquelle *mundaréo* (4) de agua e desandou a queimar campo que não parou mais...”

— “Ainda tá *queimano*, compadre Belisario?”

— “*Amóde* (5) que sim. *Vanceis num vê de veis im quano umas lumieira no céu?*”

— ?!...

(1) — *Mutirão* — (ou *mutiron*, *mutirum* ou *muxirão*) — auxilio que se prestam reciprocamente, em dia determinado, os pequenos roceiros, no tempo ou das plantações ou das colheitas.

(2) — *Branquinha* — aguardente, paraty, pinga, bebida feita de succo de canna.

(3) — *Hun-hun*; *chiii* — exclamação de admiração e de espanto.

(4) — *Mundaréo* — grande quantidade, abundancia.

(5) — *Amóde que* — está empregado em lugar de — *parece-me*.

— “E” o reflexo do fogo que ainda tá ardendo lá p’r’os campos do compadre Tião...”

Commentario: A queimada foi ha sete annos... Dahi o dizer-se, quando alguem conta uma historia inverosimel, uma mentira, que “o campo está queimando...”

*
**

“NHÔ” TERCENCIO E O MORIBUNDO

Nhô Terencio era um sacristão ás direitas. Embora caboclo rude, que nunca arredara passo da sua villa sertaneja, sabia de córzinho, na ponta da lingua, o latim da missa e um certo numero de phrases que os padres costumavam repisar em sermões, durante as festas e aos domingos.

A proposito de tudo e fóra de todo proposito, *nhô* Terencio não perdia vasa; errado ou certo, soltava o latinorio. Era um habito.

Um dia em que *nhô* Terencio ajudava a morrer um dos paroquianos, velho caipira, setenta annos pelo menos, amparando-o em seus braços e fazendo-o segurar uma vela benta, veio-lhe á mente que o pobre moribundo deveria tambem, antes de soltar o ultimo suspiro, aprender qualquer coisa de latim, pois, dizia elle, é esta a linguagem do outro mundo.

Recommendeu ao moribundo que fôsse repetindo o que elle dissesse. “Pespegou” uma phrase e nada do homem repetir; disse outra, tornou a repetir, e nada! Sacudiu o moribundo e tornou a dizer a phrase. Inutil, ainda desta vez nada...

O moribundo, já no ultimo extertor, *encafifado* (6) com o latinorio do sacristão, num ultimo esforço, ergueu a cabeça e disse:

— *Nhô* Terencio, deixe-se de *bobage*, sinão eu... eu não morro...

(6) — *Encafifado* — o mesmo que aborrecido, amolado.

*
**

TATÚ-BÓLA (7)

Tatú-Bóla era o animal mais nervoso do mato. Parecia ter até electricidade no couro. Deus lhe déra a optima faculdade de poder enrolar-se sobre si proprio, para escapar a qualquer perseguição, transformando-se de repente em verdadeiro globo escamento e duro como pedra.

Mas Tatú-Bóla era nervoso e vivia a enrolar-se a cada passo, sem a menor necessidade, cheio de medos infantis.

A's vezes ia andando e, por acaso, um ramo rasteiro de qualquer arbusto espinhento lhe tocava o dorso. Puf! logo o tatuzinho virava bóla.

Ora, já se viu que mania!

Uma feita, ia elle socegadinho, lentamente, farejando o chão humido, por estreita e retorcida vereda, á beira duma ribanceira em declive aspero. Veiu um sopro forte de vento e sacudiu-lhe emcima uma revoada de folhas seccas. O nervoso não teve duvidas: zás! enrolou-se mais do que depressa; porém perdeu o equilibrio e, como estava á beira do barranco, rolou pelo declive abaixo, vertiginosamente.

Ao pé da ribanceira, estavam dois tamanduás comendo formigas de roça, num grande formigueiro. Eram dois bichos fortes e espertos, brincalhões e levados do diabo. Correram atraz do Tatú-Bóla, curiosos, afim de vêr que coisa rolante era aquella. A tal coisa parou numa varzea linda, alcatifada de capim mimoso recém-nascido. Bateram-lhe. Immo vel e dura.

— Será couro? perguntou um.

— Não. E' um mysterio, concluiu o outro.

E deram-lhe com os pés para um lado e para outro, brincando, durante horas, atirando-a de encontro aos troncos de arvóres, fazendo-a rolar pelo tapete de capim. O pobre tatú só faltava vomitar o figado, porém cada vez se enrolava mais.

Assim foi que se inventou o "foot-ball."

(7) — *Tatú-Bóla* — Devemos a presente historia de bichos á penna do illustre folk-lorista patricio João do Norte. Extrahimol-a dentre as contadas em "*No tempo que os animaes falavam...*"

O CAIPIRA

(CYRO COSTA.)

A casinha é de barro e de sapé. Ao fundo,
O correço; o monjolo, ao lado; em frente, a canna.
Ahi vivem na paz mais completa do mundo,
Com a filharada e os cães, o Venancio e a Bastiana.

Faiscando ao sol, serpeja o ribeirão profundo...
Venancio "assunta" (8) o céu, o céu que nunca o engana,
Péga da pica-pau e, lepidio, jocundo,
Lá vae: é o caçador que de sêr bom se ufana.

Simples, patriarcal, tem, no carão moreno,
A bondade no olhar, e uma barbicha rala
Sob o queixo pontudo; é mollengo e pequeno.

Entanto, sob o ardor das cupidas conquistas,
Gravam seus avós, a faca, a chuço e a bala,
Nó bronze da Epopeia, o feito dos Paulistas!

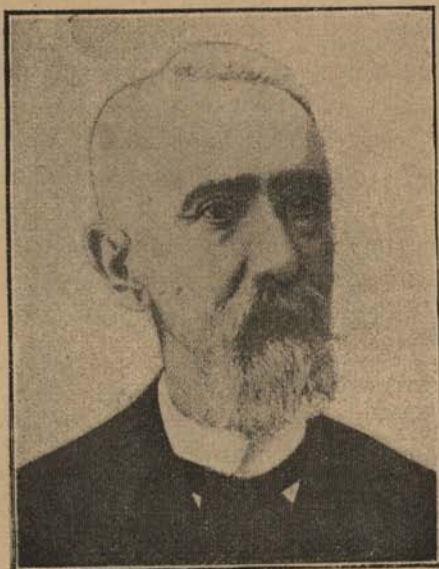
(8) — *Assuntar* — dar atenção, verificar, consultar, apurar: — "Que foi o que você *assuntou*?" (Taunay, *Innocência*.)



VULTOS E FACTOS

(LEITURA PARA AS CLASSES ADEANTADAS)

GALERIA NACIONAL



LUIZ PEREIRA BARRETO

Transportemo-nos com a mente ao tempo do sabio e meditemos um pouco sobre a vida do mestre amado dos moços, cuja figura moral e civica é um dos mais legitimos patrimonios da nossa nacionalidade.

—Quem foi Luiz Pereira Barreto?

Basta uma palavra para definil-o, para destacar com justeza o perfil inconfundivel do homem e fixar com verdade a sua actividade mental: —Luiz Pereira Barreto foi um sabio.

O seu programma de vida, exercitado durante cincoenta annos proficuos, é um modelo de virtudes domesticas e sociaes.

um paradigma de ordem e de trabalho, resumível neste lemma: — “Patria e humanidade.”

Através duma simples expressão, dum dito, duma phrase, dum só conceito, exposto mesmo com referencia ás pequeninas coisas da vida, o mestre venerando se nos revela, em toda a sua plenitude, o arbitro superior que durante largo tempo fez pesar na solução logica do seu raciocinio os mais sérios problemas e as mais complicadas questões scientificas agitadas em o nosso meio. Si era o patriota que falava, as suas palavras, animadas pela fé e pela bondade de alma que lhe brilhava nos olhos, nos ensinavam que o primeiro dos deveres civicos é o *exercício do voto* e que a mais alta condição do individuo para bem cumprir os seus deveres de homem e de cidadão, é a *consciencia das responsabilidades*. Si o idealista, o seu verbo semeava enthusiasmo, creava caracteres — tinha, por assim dizer, a serena convicção de evangelhos ...

Ninguém em nosso paiz gozou com mais honra e maior merecimento, o alto posto de mentor espiritual que lhe consagrou o consenso unanime. Luiz Pereira Barreto reunia, de facto, todas as características que definem um homem verdadeiramente superior — *sabedoria, ordem, clareza e simplicidade*.

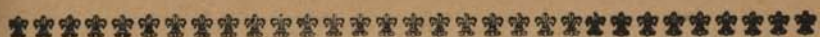
Paladino — as suas campanhas marcaram epoca, tal o ardor com que agitava as questões e com que se firmava na arena das lutas, vencendo com a galhardia dum heroe gentil a onda das paixões contrarias, que ás vezes se rebelava tentando abatelo no seu enthusiasmo. Cirurgião — nivelava-se com Arnaldo Vieira de Carvalho — o mestre conspicuo — e com tantos outros notaveis da medicina universal; ampelographo de genio — foi como o grande Cavour, durante algum tempo da sua vida, um cultor carinhoso da viticultura; zootechnista — penetrou a fundo o problema pecuario brasileiro, orientando-o para uma solução logica dentro das nossas condições territoriaes e climatericas; eugenista — estudou com aprimorado gosto e sob multiplos e variados aspectos, o poder da medicina e da cirurgia em favor da esthetica da nossa raça; philosopho — de cultura avançada;

jornalista — alliava á logica convincente do pensador, o fascínio attraente dum estylo de mestre fidalgo da linguagem.

Com esse acervo magnifico de predicaos, foi Luiz Pereira Barreto uma das bandeiras da nossa mentalidade, “um momento luminoso da nossa consciencia.”

Revocando nestas linhas o perfil gigantesco do sabio e a figura serena e veneranda do homem, ajoelhamo-nos deante da ara sagrada da Patria, onde o seu nome, ao lado de Oswaldo Cruz, fulgura como um sol de eternidade a illuminar a treva dos nossos destinos.





NOTICIAS

FALLECIMENTO

Falleceu no dia 8 do mez p. findo, nesta Capital, o inspector-escolar Sr. Julio Pinto Marcondes Pestana, distincto membro do magisterio paulista, onde militou por largos annos, prestando bons serviços á instrucção publica.

Era um funcionario zeloso no cumprimento dos seus deveres que sempre desempenhou com toda competencia.

Ao seu enterro compareceram o Dr. Tarcisio Lobo representando o Dr. Secretario do Interior, o Sr. Pedro Voss — Director Geral da Instrucção Publica e grande numero de collegas e amigos.

Pezames á Ex.^{ma} familia enlutada.

“ROMANCE-JORNAL”

Temos sobre a mesa o n. 18 dessa publicação de que é director o fino literato Sr. Affonso Schmidt.

O presente numero traz, entre outros, o trabalho — “A escrava,” do illustre poeta e prosador Magalhães de Azeredo. Gratos.

“PONTOS DE PSYCHOLOGIA”

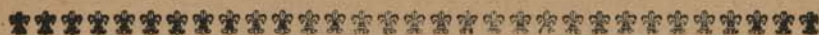
E’ este o titulo dum novo livro sobre Psychologia, organizado de accordo com o programma da Escola Normal, por uma professora.

Escrito em linguagem clara, synthetisa bem a materia, de fórma a tornal-a util aos estudantes normalistas.

Illustra-lhe o texto um bom numero de clichês.

Gratos pelo exemplar enviado.





INSTRUÇÃO PUBLICA

UM PROTESTO JUDICIAL

A PROPOSITO DA DISPENSA DE UM DIRECTOR DE ESCOLAS-REUNIDAS
DESPACHO DO SR. DR. SECRETARIO DO INTERIOR

A proposito do protesto judicial, formulado pelo professor Arlindo Ungaretti, ex-director das escolas-reunidas de Tatú, o Sr. Dr. José Lobo, Secretario do Interior, exarou o seguinte despacho:

“As informações de fls. 2 e 3, respectivamente, do Sr. director de secção e da D. G. da Instrução Publica, o parecer do Sr. sub-director geral, a fls. 15 e 16 e os documentos de fls. 7, 8, 9, 17 e 18, esclarecem cabalmente o caso do professor Arlindo Ungaretti, pondo em evidencia o nenhum fundamento do protesto judicial constante da contra-fé de fls. 5.

“Os directores de grupo-escolar ou de escolas-reunidas, dispõe a legislação vigente, serão dispensados livremente, quando convier ao ensino, por proposta do Director Geral da Instrução Publica, e verificada a dispensa — poderão requerer seu provimento em outro grupo, como adjuntos, ou em qualquer escola isolada.”

O Tribunal de Justiça, porém, reconhecendo embora esse poder de livre dispensa, estabelece para o caso distincção importante pelas consequencias que della decorrem: *a)* si o director, quando para este cargo, foi nomeado, não era vitalicio em escola isolada ou de grupo-escolar, poderá requerer seu provimento em outro grupo, como adjunto, ou em escola isolada, requerimento que o governo deferirá ou não, segundo as circumstancias determinadoras da dispensa; *b)* si, porém, era vitalicio, uma vez dispensado, “terá direito a sêr provido em escola da mesma categoria da que anteriormente occupava.”

Essa é a nossa lei sobre a materia, essa a intelligencia que lhe tem dado, uniformemente, o Tribunal de Justiça, e da

sua applicação á especie, neste processo, resulta a manifesta improcedencia — juridica e legal — do protesto judicial de fls. 5.

Por decreto de 23 de novembro de 1922, o protestante “foi exonerado da 2.^a escola urbana, masculina, das reunidas de Cordeiro, em Limeira, e nomeado para o cargo de director das reunidas de Tatú,” no mesmo municipio (doc. de fls. 9) demissão e nomeação que aceitou sem qualquer protesto ou ressalva, tendo exercido, nas mesmas condições, isto é, sem a menor ressalva, esse ultimo cargo, de novembro de 1922 até 7 de maio de 1925.

Nesta ultima data, de accordo com uma das determinações do acto de 12 de novembro de 1924, que dispôz sobre a organização e classificação das escolas-reunidas, segundo o numero de classes e de periodos de seu funcionamento, foi dispensado do cargo de director e designado nas reunidas de Tatú, para continuação de seu exercicio, accumulando as funções de director, na fórmula da lei, e de accordo com o alludido acto de 12 de novembro de 1924 — doc. de fls. 3.

O protestante, em audiencia publica e pessoalmente, pediu reconsideração desse acto de dispensa que lhe acarretava prejuizos, segundo allegava, tendo recebido como resposta, que o acto era perfeitamente legal e praticado no interesse do ensino, porque — as escolas-reunidas de Tatú vinham funcionando apenas com tres classes, não comportando assim o cargo especial de director, pois a direcção em casos taes, na fórmula da lei, devia sêr exercida cumulativamente por professor com classe.

A despeito de informação tão clara quão categorica, o protestante deixou de entrar em exercicio, dentro do prazo legal, e a 28 de maio do mesmo anno de 1925 processou o seu primeiro protesto judicial, aliás constante das contra-fés de fls. 11 e 12. E, como fundamentando-o, houvesse allegado, aliás imprecisamente, “violação a direitos adquiridos,” que não podia se referir á dispensa do cargo de director, por sêr de livre demissão, determinou esta Secretaria que a D. G. da Instrucção informasse qual a situação desse professor antes do citado decreto de 23 de novembro de 1922.

Verificou-se e consta dos documentos de fls. 8 e 9, da ficha de fls. 24, e do parecer de fls. 15 e 16, que o protestante — 1.º) foi nomeado — por decreto de 23 de novembro de 1916 — para reger a escola de Santos Dumont, São Simão, que era districtal ou de bairro, segundo a legislação então vigente, provida mediante concurso; 2.º) lhe foi designada, por decreto de 26 de setembro de 1917, a escola de Faxinal, em Bom Successo, também districtal, para continuação do exercício, visto haver sido suspenso o funcionamento da de Santos Dumont; 3.º) foi — por decreto de 7 de janeiro de 1920 — removido para a segunda masculina das reunidas de Cordeiro, logo depois classificadas como urbanas.

Assim, o protestante era vitalício, quando exonerado da escola de Cordeiro e nomeado director das escolas-reunidas de Tatú, pois obtivera em concurso a sua nomeação para a escola districtal de Santos Dumont. De accordo, pois, com a intelligencia dada pelo Tribunal de Justiça á lei reguladora da materia, tinha elle direito a continuar seu exercício em uma outra isolada urbana, direito que foi satisfeito pelo governo, com a designação feita, por decreto de 13 de agosto de 1925, (docs. de fls. 17 e 22) da terceira escola masculina das reunidas de Crystaes, em Franca.

Sem embargo de tal providencia, o protestante, sem razão alguma juridica e sem o minimo fundamento legal, não deixou caducar o decreto de designação e, tempos depois, em requerimento de 10 de dezembro de 1925, integralmente transcrito na contra-fé de fls. 5, formulou seu segundo protesto judicial.

Como fundamento capital deste ultimo protesto judicial, allega o protestante, em conclusão, que a dispensa do cargo de director feriu seus direitos, lhe causou prejuizos Moraes e materiaes, e não tendo solicitado exoneração da escola de Cordeiro, nem pedido nomeação para o cargo de director das escolas-reunidas de Tatú, tem e fará valer sua vitalidade e inamovibilidade em relação á mesma escola de Cordeiro.

Tambem essas allegações, de facto e de direito, carecem por completo de fundamento ou procedencia.

A alludida dispensa do cargo de director não offendeu, nem podia offender, direitos do protestante, uma vez que a lei

attribúe ao governo o poder de livre demissão; e por essa mesma razão nenhum prejuizo material podia decorrer de semelhante acto.

Convém, para melhor esclarecer o caso, recordar que as escolas-reunidas de Tatú funcionavam apenas com tres classes, não tendo, pois, cargo de director, pois que as funções de director passaram a sêr exercidas por um professor, cumulativamente com as do magisterio, conforme dispositivo expresso do citado acto de 12 de novembro de 1924. E, si em reunidas dessa categoria, com esse numero de classe, não havia o cargo de director, não podia o protestante deixar de sêr dispensado.

O damno moral de que se queixa agora o protestante, é incompativel com o requerimento de fls. 14, datado de 14 de junho do anno proximo findo, e concebido nos termos seguintes: "Arlindo Ungaretti, tendo sido nomeado para o cargo de professor da 2.^a escola masculina das reunidas de Tatú, em Limeira, e não tendo assumido o exercicio no prazo regulamentar, solicita respeitosamente a V. Exc.^a a revalidação desse decreto."

Não é de crêr que o protestante, depois do seu primeiro protesto de fls. 11 e 12 requeresse revalidação de um decreto que o prejudicava moralmente, revalidação que, aliás, não foi deferida porque, nas mesmas reunidas, não havia então nem vaga, nem alumnos para creação de classes, como se vê da formação do respectivo inspector-escolar, a fls. 14 v.

Quanto aos effeitos da vitaliciedade, foram elles respeitados pelo governo, de accordo com a intelligencia do Tribunal de Justiça, e de modo completo.

Para occupar a direcção das reunidas de Tatú, o supplicante deixou uma isolada masculina das reunidas urbanas de Cordeiro, e tendo deixado aquella direcção, o governo designou para continuação de exercicio, uma escola da mesma categoria — uma isolada masculina das reunidas urbanas de Crystaes.

Isso, e apenas isso, é que o Tribunal de Justiça reconhece e proclama como direito de director dispensado nas condições do protestante.

Não importa para o caso, nem lhe modifica a natureza juridica, que o protestante não houvesse pedido sua nomeação

para director, nem sua exoneração do cargo de professor da escola de Cordeiro, pois o certo é que num mesmo decreto foi exonerado dessa escola e nomeado para aquelle cargo, de direcção, que aceitou — sem qualquer protesto ou ressalva — e o exerceu durante longo tempo, egualmente sem ressalva, até sêr dispensado.

A improcedencia das allegações dos protestos do professor Arlindo Ungaretti é, pois, manifesta.

Quanto ao requerimento de fls. 18, em que pede pagamento dos vencimentos durante o tempo em que esteve fóra do exercicio, cumpre distinguir dois periodos nesse afastamento.

Da data em que foi dispensado do cargo de director, das reunidas de Tatú, até á data da publicação do decreto de 13 de agosto de 1925 em que lhe foi designada uma das escolas-reunidas urbanas de Crystaes, o protestante deve perceber os vencimentos de professor de isolada urbana. Posteriormente, entretanto, não tem direito a remuneração alguma, portanto se afastou do exercicio, que a tanto vale não o iniciar na escola designada, e se afastou injustificavelmente, illegalmente.

O protestante abandonou, voluntariamente, o magisterio.

Por fim — e porque se trata de seu pedido de vencimento — cumpre assignalar, para que o Thesouro tome em consideração opportunamente, que o mesmo protestante — dispensado a 7 de maio de 1925, do cargo de director — continuou a receber os vencimentos desse cargo até 30 de junho do mesmo anno, prevalecendo-se do facto do collecter respectivo não haver recebido communicacão em contrario, como consta da informacão de fls. 19 v. e do officio de fls. 20.

O presente despacho encerra os elementos necessarios á defesa completa dos interesses da Fazenda, e para os effeitos della deve sêr encaminhado o presente processo á respectiva Secretaria, com o pedido de devoluçáo opportuna.

Junte-se ao mesmo copia do acto de 12 de novembro de 1924, com informacão da data de sua publicação. Interior. 22 de janeiro de 1926. — (a) JOSÉ LOBO.⁷¹

SECRETARIA DO INTERIOR

INSTRUÇÃO PUBLICA

Varios despachos, pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Secretario do Interior

JANEIRO — 1926

D. MARIA DE LOURDES GUIMARÃES. — Para os casos como o da supplicante, é indispensavel a prôva de laboratorio, que não se pôde realizar em Cruzeiro. Essa providencia tem sido praticada uniformemente, em vista do abuso, aliás verificado, que se tem dado em um grande numero de casos, pela liberalização de attestados. Cumpra a supplicante o despacho de inspecção nesta Capital, logo que seu estado de saúde o permitta.

D. IOLE FIORAVANTI. — De accordo com as alterações feitas no decreto n. 3858, de 11 de junho p. passado, substitutas effectivas não poderão sêr nomeadas adjuntas de grupos-escolares.

FEVEREIRO — 1926

D. AMERICA NOGUEIRA. — Não procede o pagamento requerido dos mezes de junho a outubro. A supplicante requereu prorogação de licença, e o laudo respectivo, de 8 de junho do anno proximo findo, justificou a prorogação por trinta dias, findos os quaes deveria reencetar o exercicio do cargo. Não o fez, porém e não mais requereu, até haver tido conhecimento de sua demissão por abandono.

A supplicante foi intimada regularmente, a 6 de agosto do anno poximo findo, a ressumir, mas não o fez nem justificou os motivos do seu afastamento.

Allega que, ao receber tal intimação, mandou communcar ao Sr. inspector districtal, por não ter podido fazer antes,

por molestia. A esse tempo, entretanto, 6 de agosto, a licença prorogada havia terminado ha muito, sem que fôsse feito pedido de nova prorrogação.

A allegação, aliás imprecisa e não provada, de ter mandado communicar, por ainda continuar doente, não bastava no caso, pois cumpria á supplicante requerer a esse tempo nova licença ao poder competente e não simplesmente informar o inspector a respeito.

Si o afastamento desde a data da terminação da nova prorrogação nos termos do laudo de 8 de junho foi irregular, por essa irregularidade foi o processo á Directoria Geral da Instrução Publica, para "regularizar esse afastamento."

Nesses termos, só lhe cabe o pagamento de accordo: a) com a licença até a terminação dos 30 dias da citada prorrogação; b) vencimentos integraes, a contar da data do decreto de demissão por abandono, á vista do decreto que o declarou sem effeito.

D. CARMELIA ACRITELLO. — Substitutos effectivos não podem sêr nomeados adjuntos de grupos-escolares, de accordo com a alteração feita pelo Congresso, no decreto n. 3.858, de 11 de junho do anno p. passado.

D. MARIA ANTONIETA DE CAMARGO. — De accordo com o presente parecer do Sr. sub-director geral. Uma vez que a supplicante não era obrigada a aceitar a commissão, que, em desaccordo com a lei, lhe fôra imposta, deverá receber os vencimentos relativos ao periodo em que esteve afastada do magisterio (1.º de abril até 11 de setembro de 1924.)

JOSÉ DO PATROCÍNIO PIRATININGA. — Pede cumprimento pelo Thesouro do Estado, da portaria que lhe concedeu um mez de vencimentos em dobro. — A refôrma foi approvada pelo Congresso Legislativo do Estado, sem qualquer modificação na parte relativa á providencia requerida pelo supplicante. Encaminhe-se, pois, ao Secretario da Fazenda.

VENINA MUGNAINI SANDOVAL. — O requerimento de fls., datado de 14 de janeiro ultimo, foi indeferido, porque o attestado declarava a supplicante no oitavo mez da gestação. O documento de fls. 2 certifica que a supplicante deu á luz no dia 24 de janeiro proximo findo, e nessas condições o facto posterior veio provar que ella estava na realidade no ultimo mez da gestação, sem embargo da attestação medica em contrario. Nesses termos, tem direito aos dois mezes de licença, pelo art. 25 da lei n. 1.521, de 1916, a contar da data do seu requerimento, 14 de janeiro.

Foram concedidas as regalias do art. 46, do decreto n. 3.858, de 11 de junho de 1925 (pagamento em dobro) ao Sr. Alfredo Vidaglia, adjunto do grupo-escolar "Moraes Barros," de Piracicaba, D. Christina de Aquino, adjunta do grupo-escolar da Bella Vista, desta Capital e D. Ondina Campos de Toledo, adjunta do grupo-escolar de Villa Guilherme, desta Capital, e as regalias do artigo 46, letra E, dois mezes de vencimentos em dobro, por ter desistido de licença por igual prazo de tempo, a D. Philomena Perna, professora das escolas-reunidas de Miguel Calmon, em Pennapolis.

D. GERTRUDES CAMARA ALBINO. — Indeferido, de accordo com o attestado medico e com as informações. A licença, de accordo com o artigo invocado, é a contar do ultimo mez de gestação.

D. BENEDICTA DE FREITAS NORONHA. — A supplicante não justificou a licença pelo art. 25 da lei n. 1.521, de 1916, pelo que concedo o prazo requerido, regulado pelo art. 7.º, paragra-pho 1.º, da citada lei.

D. MARIA JOSÉ PASSOS. — De accordo com a informação da secção. Não é attendivel o pedido. A supplicante não tem os 7 annos e meio de effectivo exercicio, como allega, conforme se vê da certidão annexa, pois em outubro de 1918, esteve suspensa.

D. OLINDA DE ALMEIDA. — Não procede o pedido de apostilla para o effeito de inicio declarado, que só póde ter logar mediante o concurso da attestação medica e de informações da autoridade escolar respectiva. Ora, a supplicante fundou o seu pedido de licença em uma inspecção a sêr feita, não juntou qualquer outro attestado medico e nem pediu licença com inicio declarado.

A simples informação da autoridade escolar não satisfaz ás exigencias legais.

Conforme se verifica dos termos do despacho de fls. 15 v., a alludida licença não foi concedida como allega a supplicante, mas pura e simplesmente de accordo com o laudo de informação, que nada refere sobre inicio.

Assim prejudicada, a licença deve sêr contada do dia da expedição da portaria extraviada, mediante informação da secção competente, expedindo-se nova portaria.

D. ALICE SALGADO. — Indeferido. O facto de haver requerido permuta não constitúe fundamento para licença, mesmo porque só a professora em exercicio póde, na fórmula da lei, fazer tal requerimento. Accresce, além disso, que a permuta já foi autorizada.

DD. OLINDA ORTIZ DE ARAUJO E EGYPCIA SABINO. — Não se tratando no presente caso de permuta de cargos, por não serem da mesma categoria, não é attendivel o pedido.

BENEDICTO MARTINS PEREIRA. — Não tendo a idade legal para a matricula nos grupos-escolares, a filha do requerente, como se verifica pela certidão inclusa, não é attendivel o presente pedido.



INDICE

A "REVISTA ESCOLAR"	1
-------------------------------	---

LIÇÕES PRATICAS:

Linguagem	4
Arithmetica	8
Instrucção moral e civica	10
Botanica	13
Geographia	16
Hygiene	19
Geometria	21
Physiologia da respiração	24
Historia do Brasil	17

PEDOLOGIA:

A imaginação e suas variedades na criança	30
Evolução psychica da criança	32

LIÇÕES DE COISAS:

O navio	35
O iman	37
A bussola	39
A farinha de trigo	41
O assucar	43
A manteiga	46
O chapéo	48
O couro	51
O guarda-chuva	53

QUESTÕES GERAES:

Palestras sobre ensino	57
Importancia do brinquedo na educação	60
Pelas arvores	62
Phase preparatoria da leitura analytica	64
O estudo da Geographia	66

LITTERATURA INFANTIL:

Honras de general	68
Os cysnes	69
Felicidade	70
Os dois regatos	71
Na roça	73
O jardim da vovó	74
Roberto Fulton	76
Sadio eu sou	78
A festa das aves	79

METHODOLOGIA:

Processo educativo	83
------------------------------	----

EDUCAÇÃO PHYSICA — JÓGOS ESCOLARES:

Perdi meu gato	86
Numeros	86
Veneno	87
Chinela	87
Jogo das colheres	87
Cobra no capim	88
A's cegas	88
Touro na arena	88
Pescador	89
Corrida circular	89
Cabra-céga, em rôda	89

ESCOTISMO:

Da Bandeira nacional e do Hymno	90
O campo "fá queimano"	94

O "FOLK-LORE" NAS ESCOLAS:

"Nhô" Terencio e o moribundo	95
Tatú-Bóla	96
O caipira	97

VULTOS E FACTOS:

Dr. Luiz Pereira Barreto	98
------------------------------------	----

NOTICIAS	101
--------------------	-----

INSTRUCCÃO PUBLICA:

Um protesto judicial	102
--------------------------------	-----

SECRETARIA DO INTERIOR:

Actos diversos	107
--------------------------	-----

2984

REVISTA ESCOLAR

PUBLICAÇÃO MENSAL

Direcção e Redacção: LARGO DO AROUCHE, 62

S. PAULO

ASSIGNATURAS:

Anno 20\$000

Semestre 10\$000

Numero avulso 2\$000

Os pagamentos são feitos adeantadamente.

Toda e qualquer correspondencia, inclusive a que se referir a assignaturas, deve sêr endereçada, directamente, á Redacção.

TYP. SIQUEIRA
Rua Libero Badaró, 48
S. PAULO